



A medicina mata mais do que cura?

Um escritor, controverso no mundo inteiro por suas teses revolucionárias, sustenta, para espanto de muitos, que a Medicina mata mais do que cura. Chama-se Ivan Illich, austríaco. Esteve no Brasil, ano passado, e em entrevista à imprensa, ratificou seus pontos de vista. (páginas 7 e 8)



JU circula com caderno literário

A partir desta edição o JU circula com o Caderno Literário, com o objetivo de promover e estimular valores novos, principalmente estudantes e recém-saídos do meio universitário, como é o caso de Inaldo Cavalcanti, Andréa Carvalho Catão, entre outros. A Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda fez a apresentação dos livros lançados pela Editora da UFPE, entre os quais três de sua autoria, na Faculdade de Direito. O Reitor presidiu a cerimônia.

A derrota que deixou careca um torcedor

O futebol tem sido alvo de emoções as mais diferentes para o torcedor brasileiro. Alegrias, frustrações, mortes, tudo isto faz a história dos nossos estádios. Na página de Esportes, incluída no JORNAL UNIVERSITÁRIO a partir desta edição, há o caso de um torcedor que perdeu os cabelos da cabeça em consequência da derrota do seu clube (pág. 11)

Presença do negro, marco significativo

A voz do poeta e a liberdade do negro, um capítulo importante na história do povo brasileiro. O País inteiro comemorou o 13 de Maio, enaltecendo os abolicionistas e a significativa presença negra em todas as manifestações — na política, na economia, na cultura, etc. (pág. 4)

Culinária ainda está cheia de tabus

Velhos tabus ainda complicam a cozinha brasileira. Até superstições influem no comportamento das famílias, em termos de uma alimentação errada, com sérias implicações para a saúde (pág. 2)



A sombra desta e de outras árvores semelhantes que antes, proliferaram nos mangues e alagados, Recife foi se formando, e suas construções assumiram progressivamente o lugar por onde as águas mansamente corriam. Razão por que a

Capital pernambucana, embora chamada de "A Veneza Brasileira", está caracterizada por sérios problemas urbanísticos e topográficos. Hoje, para desencanto de muitos, como o poeta João Cabral de Melo Neto, que nos poemas "O Cão Sem

Plumas" e "O Rio" fala sobre o Capibari-be e os mangues que o circundam, a bucólica paisagem ficou apenas na lembrança, nos versos do poeta e na prosa dos escritores.

Lispector no Recife



Autora de uma obra de profunda densidade humana, ainda que dentro de uma perspectiva psicológica, que nela ganha ressonâncias quase metafísicas, a escritora Clarice Lispector disse, na sua recente estada no Recife, que Pernambuco oferece significativa contribuição à literatura brasileira. A Galeria Nega Fulô e o DEC da UFPE homenagearam a autora de *Água Viva*; *Paixão Segundo G. H.*; *Laço de Família*; *Maçã no Escuro*, para não citar outras obras suas não menos importantes.

Lafayette, o Vice-Reitor



O Professor Geraldo Lafayette é o novo Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, nomeado este mês, através de Decreto do Presidente da República. Com uma vida dedicada inteiramente à Universidade, ele diz como concebe uma instituição de ensino superior. na 3.ª pág.

TABUS E MAUS HÁBITOS AINDA PREVALECEM NA CULINÁRIA BRASILEIRA

O brasileiro, de um modo geral, paga um pesado ônus por não ter sido educado no sentido de escolher bem sua dieta alimentar. Perdura, ainda, velhos tabus, preconceitos e até superstições, que se vão acentuando com o passar dos anos, com sérios prejuízos para a saúde.

Escassa é a bibliografia especializada nesse campo, o que contribui fundamentalmente para os maus hábitos alimentares. Ora, se os alimentos são indispensáveis à vida, deveriam merecer um tratamento melhor no que diz respeito à preparação das dietas. O público deve então interessar-se não só pela forma como são preparados os pratos, mas também pela qualidade dos produtos utilizados.

MUDANÇAS

Em vários países, mudanças importantes já começam a influenciar o comportamento do público, no campo da gastronomia, que vinha sendo até então um privilégio de uns poucos eleitos — o chamado paraíso do bem comer. Na França, por exemplo, as livrarias anunciam a venda de livros especializados assinados pelos maiores mestres: a matéria, além de programas de televisão e rádio.

Os próprios gourmands explicam esta liberalidade pela necessidade de "comunicar a arte a um maior número de pessoas". Argumenta o gourmand Jean Ferniot: "A cozinha é a arte do repouso, uma arte mais desinteressada que as outras".

Os estudos que se têm feito, inclusive pesquisas ao longo dos anos, indicam que um bom estado de nutrição implica no consumo adequado dos alimentos que aportam nutrientes necessários ao organismo, em quantidade e qualidade suficientes. É o estado de nutrição do indivíduo que determina o seu rendimento no trabalho. Como exemplo, podemos citar a capacidade de concentração das crianças na escola, ou o rendimento do trabalhador braçal. À propósito, a FAO, através de publicações, relaciona as causas determinantes da redução da capacidade de trabalho:

a) o corpo humano tende a uma redução do esforço como medida de proteção contra a falta de alimentação

suficiente, e o resultado final é um estado de indolência, de debilidade e de falta de iniciativa;

b) uma alimentação escassa reduz a capacidade de resistência às enfermidades;

c) os trabalhadores desnutridos se fatigam mais rapidamente e estão mais expostos aos acidentes de trabalho".

EDUCAÇÃO

A pesquisadora Emília Aureliano de A. Monteiro, da UFPE, defende o estabelecimento de uma educação alimentar. Explica que trazemos do berço, e desenvolvemos nos anos de vida, com a ajuda de nossos familiares, em especial de nossos pais, dos amigos e dos demais componentes de nossa sociedade, conceitos e hábitos alimentares evitados de preconceitos, tabus, ou simples erros alimentares.

Esses erros, que na maioria são preconceitos, estão tão bem enraizados em nós mesmos que nem sempre os admitimos como tal e quando os admitimos relutamos, e, muitas vezes, rechaçamos substituí-los.

Tais dificuldades — justificam-se — se acentuam com o passar dos anos. O ideal será conseguir que o homem se forme com bons hábitos alimentares. Para isto, é necessário incrementar a Educação Alimentar de mães gestantes para garantir orientação correta na alimentação



da criança no primeiro ano de vida, introduzindo-a na faixa pré-escolar com bons hábitos alimentares formados ou bem encaminhados para um satisfatório rendimento.

Com tal objetivo, o Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco, utilizando a idade e experiência Bengoa, estudou e estabeleceu normas para Serviços de Educação e Recuperação Nutricional. E hoje, a exemplo de outros países, contamos com uma metodologia que tem por objetivo educar as mães através da recuperação do seu filho desnutrido.

A professora Emília Aureliano argumenta que, ao lado de tais serviços, ou dissociado deles, pode-se manter, também, com grande sucesso, a Suplementação Alimentar Supervisionada, para crianças pré-escolares e mães gestantes e lactantes.

Considerando que a desnutrição — esclarece a pesquisadora — é um sério entrave ao desenvolvimento, a educação toma proporções idênticas e se torna um problema paralelo àquele. Aceitando o "slogan" — Ensine um Brasileiro a Ler —, vamos, também ensinar um brasileiro a comer.

ERROS E HÁBITOS

Dentre os erros mais frequentes de nossa alimentação, a professora Emília enumera:

Distribuição desequilibrada das refeições diárias; consumo relativamente alto de gorduras, para alguns grupos; excesso de parcialidade no conceito de carne, em detrimento da verdade — além de músculo, as vísceras dos ani-

mais também são carne; como o boi, outros animais também oferecem carne da mesma categoria; peixes, moluscos e crustáceos, também, estão incluídos no grupo de carnes; baixo consumo de verduras, especialmente de vegetais folhosos.

ALIMENTAÇÃO CERTA

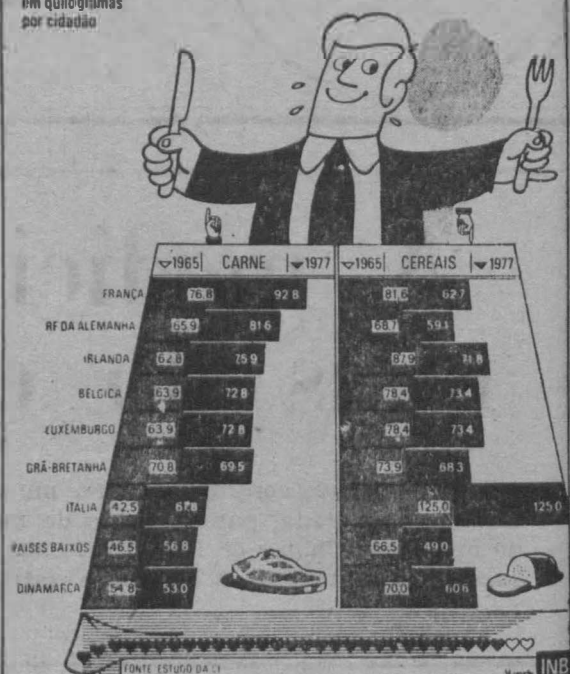
Seria mais conveniente que o nosso desjejum fosse um pouco mais farto e o almoço mais leve, pois pela manhã o organismo está em condições de aceitar melhor uma maior quantidade de alimentos, depois de um tempo relativamente longo em repouso, enquanto que à hora do meio-dia teríamos um menor desgaste para metabolizar uma grande quantidade de nutrientes, principalmente considerando que é a hora de mais elevada temperatura.

Lembra, ainda, que, ao mesmo tempo temos o hábito de consumir alto teor de gorduras que, reduzido, ainda atenderia às necessidades do organismo.

Recomenda que a carne de boi é a mais privilegiada das carnes: fazemos questão de sua presença diária à mesa, mesmo pagando um alto preço por ela. Esquecemos que, utilizando vísceras (como miolos, fígados, coração, rim, língua), ou peixes, poderíamos variar a nossa alimentação, não só no aspecto de sabor, mas também no aporte de alguns minerais; ao mesmo tempo em que se teria a mesma fonte de proteínas de alto valor biológico. Ao lado disso, colocamos uma grande quantidade de massas com prejuízo do consumo de vegetais.

Mais proteínas, menos hidratos de carbono

Consumo médio anual em quilogramas por cidadão



ALIMENTAÇÃO EQUILIBRADA

Quais as providências para se obter uma refeição equilibrada? — Na realidade — esclarece — torna-se um pouco difícil para o leigo estabelecer o que seja uma boa alimentação do ponto de vista nutritivo. Atendendo a contingências da Educação Alimentar, o Instituto de Nutrição da UFPE adaptou a criação do Instituto de Nutrição de Centro América y Panamá sobre "Os Três Grupos Básicos da Alimentação", quais sejam:

Valor nutritivo — para cada grupo, os alimentos foram selecionados de acordo com o maior contingente de nutrientes que oferecem. É evidente que os alimentos de um mesmo grupo não têm exatamente a mesma composição, mas se equivalem, e a utilização de um ou outro é perfeitamente aceitável em condições normais;

Ao uso pela população — vamos por exemplo, encontrar a vagem, que é uma leguminosa entre as verduras; a banana comprida e o fruta-pão que são na realidade frutos, no grupo de grãos e raízes. A razão é que, no primeiro caso, a vagem é consumida em saladas, como verdura; e, no segundo caso, a banana comprida e o fruta-pão usados como as demais raízes (macaxeira, inhame, etc...);

A produção local — estão incluídos em cada grupo os alimentos usados em nossa região, ou melhor, em parte de nossa região, pois, se tivéssemos que orientar populações como, por exemplo, do Maranhão ou do Pará, teríamos que adotar denominações locais e incluir os alimentos em cada grupo de acordo com as propriedades locais.

O grupo desses alimentos não obedece estritamente a nenhuma classificação científica, mas corresponde à classificação científica que os agrupam de acordo com a sua composição bioquímica: grupo-produtos-animais — inclui alimentos-fontes de proteínas de alto valor biológico, que são: o leite (de todo tipo), as carnes, os ovos e os queijos. Esses alimentos fornecem nutrientes necessários à formação dos tecidos e recuperação dos tecidos gastos. Grupo-verduras-e-frutas — subdivide-se em três subgrupos: vegetais verdes e amarelos, outros vegetais e frutas. O primeiro subgrupo — dos vegetais verdes e amarelos — é fonte de vitamina A e inclui os seguintes vegetais: todos os folhosos de verde intenso (alface, espinafre, bredo, coentro, couve, folhas de beterraba e folhas de rabanete), pimentão, cenoura e jerimum. O segundo subgrupo — e dos outros vegetais — engloba todos os outros vegetais (repolho, tomate, vagem, beterraba, rabanete, nabo, cebola, maxixe, quiabo, chuchu, couve-flor) e não é fonte específica de nenhuma vitamina, mas tem um pouco de todas. O terceiro subgrupo — das frutas — é fonte principalmente de vitaminas C e inclui todas as frutas. O grupo das verduras e frutas, como fonte de vitaminas, regula funções.

Grãos e raízes. O grupo dos grãos e raízes é fonte de calorias e inclui as leguminosas — feijão, favas, amendoim; cereais — arroz, milho (xerém, fubá), pão, macarrão, massas em geral; as raízes e tubérculos — farinha de mandioca, macaxeira, inhame, cará, batata inglesa, batata doce.

Os alimentos do terceiro grupo fornecem energia ao organismo.

Deixam de entrar nestes grupos as gorduras e os açúcares, uma vez que são considerados como alimentos complementares.

Conhecendo os Grupos Básicos da Alimentação torna-se possível a escolha de uma dieta qualitativamente equilibrada, bastando que se utilize em cada refeição, pelo menos, um alimento de cada grupo.

Para o cálculo das quantidades de cada alimento, deve-se, no caso que trata de dieta normal, usar de bom senso, pois, para cada pessoa, as quantidades de alimentos (aportando os diversos nutrientes) variam de acordo com o sexo, a idade, o peso, a altura, o tipo de atividade que desempenha, o número de horas diárias de trabalho e o número de horas de repouso diário.



JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 10 RECIFE — JUNHO — 1976 ANO VIII

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedito de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero Ângelo Monteiro José Carlos Targino Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Edição mensal pelo Departamento de Extensão Cultural, órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como veículo oficial de comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2º andar do edif. da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Apoio internacional

A cooperação internacional tem sido das mais efetivas no âmbito das Universidades brasileiras, principalmente com relação à Área de Saúde. Na Universidade Federal de Pernambuco, pelo menos, essa presença é uma constante — bastaria lembrar a recente ajuda de 235 mil dólares oferecida pela Fundação Kellogg, para que a UFPE possa expandir seu programa de interfeirização.

Tal cooperação ratifica ao mesmo tempo o espírito da própria Universidade, que não pode afastar-se em nenhum instante do entendimento de que a cultura e a ciência não têm fronteiras, não esbarram ante as muralhas. Dentro desse espírito, é que mais uma vez atende a Fundação W. K. Kellogg, dos Estados Unidos, à solicitação da UFPE, agora com essa importante ajuda financeira, para o Projeto de Saúde Comunitária que está sendo desenvolvido nos municípios de Vitória de Santo Antão, Pombos e Chã Grande.

Esse Projeto surgiu de um Convênio firmado em março de 1975, entre a Secretaria de Saúde — FUSAM e a UFPE, pelo qual esta última assumia a administração dos órgãos de Saúde daqueles três municípios.

O Projeto Vitória, assim denominado, objetiva melhorar os níveis de saúde na área programática, estender o campo de ensino e treinamento universitários à realidade rural e ensinar uma melhor integração das atividades docentes às atividades assistenciais estruturadas a nível regional.

Difere de muitos outros programas de Saúde por prever, em seus planos, uma participação mais ampla e efetiva da co-

munidade, de maneira que suas ações sejam executadas, não apenas para a comunidade mas, sempre que possível, para e com a comunidade. Uma outra característica do Programa é a integração em serviço, mediante equipes multidisciplinares, constituídas por profissionais e alunos, de todos os setores da área de Saúde: Medicina, Enfermagem, Nutrição, Serviço Social, Reabilitação, Ontologia, entre outros.

Este Projeto, tanto em sua fase de planificação como de execução, tem recebido amplo assessoramento de técnicos da O. M. S. (Organização Panamericana de Saúde).

O Hospital João Murilo de Oliveira, situado na cidade de Vitória, é a entidade sede do Projeto. Dotado de 120 leitos e mantendo convênio com o I.N.P.S. e o FUNRURAL, além de prestar assistência a pacientes não contribuintes e particulares, vem desenvolvendo um intenso Programa de Assistência Médica, tanto curativa quanto preventiva, para populações urbanas e rurais.

Com esta expressiva doação da Fundação Kellogg, no valor global de US\$ 285.122,00, para um período de 3 anos, e outras ajudas financeiras, já solicitadas, provenientes de programas especiais do Ministério da Saúde, SEPLAN e outras instituições interessadas, esperam os integrantes do Projeto de Saúde Comunitária melhorar e aumentar substancialmente a cobertura de assistência médica a população dos 3 municípios referidos, visando, em especial, ao Grupo Materno-Infantil e aos setores mais carentes da população que são sempre os mais acometidos de enfermidades, particularmente as transmissíveis e de desnutrição.

Palavras de Frei Peréa estão
agora nos Anais da Assembléia

Os conceitos de Universidade, a evocação nos princípios éticos da cultura, enfatizados no pronunciamento de Frei Romeu Peréa na sessão de posse do Reitor Paulo Maciel, repercutiram amplamente na Assembléia Legislativa de Pernambuco, tendo sido transcritos nos Anais daquela Casa, por solicitação do deputado Honório Rocha.

Ao justificar o seu requerimento, Honório Rocha analisou vários aspectos das palavras de Frei Peréa, sublinhando, entre outros pontos: "O discurso de Frei Peréa é, por assim dizer, um testemunho e um caminho eloquente, porque mergulha nos fatos, vai buscar no bojo da vida universitária os ensinamentos necessários, capazes de imprimir novos rumos a uma Universidade que tem por finali-

dade suprema construir o homem, que é a grande meta de todas as ações".

Um discurso de inteligente e de inteligência. Um discurso de sentimentos, sem palavras ociosas, sem muitos adjetivos, porque o pronunciamento de Frei Peréa reveste-se daquela verticalidade, onde sentimos nas palavras eloquentes, de formação, aprofundadas nos argumentos e trazendo, sempre, em torno da verdade, aquilo que pode nos deleitar o ouvido, como também aquilo que orienta nossas inteligências.

Depois de outras observações, principalmente sobre o sentido humanístico da cultura, o deputado salienta: "E o todo voltado para a Universidade e é a Universidade multiplicada, presente, dentro da

multiplicidade, fazendo com que todos os homens da terra, todos eles, herdeiros de um legado cultural, de um patrimônio de civilização, todos eles se sintam cada vez mais engajados no sentido da grande marcha, a marcha dos homens no tempo, como dizia Santo Agostinho, que têm o intelecto em busca de Deus, arrimados também na luz da fé, a fé buscando a inteligência das coisas.

É assim que justifico meu requerimento, pedindo a esta Casa a transcrição nos seus Anais do discurso com que Frei Romeu Peréa, o grande pensador cristão e católico, o humanista, saudou o novo Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Prof. Paulo Maciel, no dia da sua investidura à frente da nossa Universidade Federal".

DEC procura incrementar
intercâmbio em toda a Região

O Departamento de Extensão Cultural da UFPE está mantendo uma série de contatos com órgãos congêneres das Universidades da Região com vistas a estabelecer um maior intercâmbio na troca de experiências, não só dando a conhecer as atividades de cada órgão, como também procurando incrementar novos programas no campo da cultura e das artes.

A iniciativa do diretor do DEC, Marcus Accioly, vem encontrando receptividade. Um exemplo disso é a recente viagem da redatora Ângela Delouche ao Ceará, onde, em contato com as autoridades universitárias daquele Estado, acertou proveitosos empreendimentos. O professor Moreira de Campos, Pró-Reitor dos Cursos de Graduação da UFPE, declarou: "O Nordeste deve mostrar as potencialidades que possui, tanto no plano econômico como nos planos cultural e artístico. Não esquecer que, no passado, grandes luminárias da ciência e das letras saíram da região nordestina, como José de Alencar, Farias Brito, Clóvis Beviláqua, Oliveira Lima".

E continuou: "Devemos ter presente que o romance regional teve sua maior força, exatamente no Nordeste, pelas suas próprias implicações sócio-econômicas. É assim que avultam no plano da romance, a partir da década de 30, nomes prestigiosos como os de José Américo de Almeida, iniciador da nova fase do romance nordestino, José Lima de Rego, Graciliano Ramos, sem dúvida o maior deles, Jorge Amado e Raquel de Queiroz".

Quanto à lírica, afirma o professor Moreira de Campos: "Considera-se ainda a alta contribuição dada à poesia com a presença marcante e definitiva de Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Mauro Mota e isso sem contar ainda, quanto ao romance, com a presença de nomes como o de Ariano Suassuna e Hermilo Borja Filho. No Recife de hoje, dois nomes me impressionam: Amílcar Dória Matos, na ficção e Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo, na poesia".

"Tobias Barreto é uma figura impressionante dentro da intelectualidade brasileira. É pena que as novas gerações não o conheçam melhor", disse a Professora Albertina Brasil Santos, coordenadora do Departamento de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe, ao visitar o poeta Marcus Accioly, Albertina Brasil convidou o colunista de cinema do J.U.

Professor Lafayette é
o Vice-Reitor da UFPE

Os problemas comunitários devem constituir uma preocupação preçipua, paralelamente ao aspecto cultural, com maior apoio ao corpo docente, a fim de se elevar cada vez mais o nível do ensino. Esta é a visão de Universidade do novo Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Geraldo Lafayette Bezerra, nomeado recentemente por ato do Presidente da República.

Com uma vida dedicada inteiramente à Universidade, o Prof. Geraldo Lafayette foi galgando postos, desde 1955, quando iniciou sua carreira no Magistério Superior, logo após bacharelar-se tendo assumido a Cadeira de Lógica na então Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Já na condição de estudante, ele revelava sua capacidade de liderança, conquanto foi presidente de entidades de representação do corpo docente, cumprindo vários mandatos.

CURRÍCULO

O Prof. Lafayette é natural da Paraíba (Monteiro). Nasceu aos 17 de março de 1932. Fez os cursos secundário e clássico em João Pessoa e Belo Horizonte. Bacharelou-se em Filosofia (1954), em Direito (1958) e fez Doutorado (50-60) na Universidade Federal de Pernambuco. Chefiou o Departamento de Filosofia, foi vice-diretor e diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, sendo posteriormente nomeado para dirigir o hoje Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

Desde 1955 que assumiu a Cadeira de Lógica e a de História da Educação na UFPE. E ao mesmo tempo Professor de Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco e um dos fundadores da Universidade Federal da Paraíba, onde ensinou História da Filosofia durante 15 anos, tendo integrado o Conselho Universitário e o Conselho de Curadores. Na UFPE, participou do Conselho Administrativo (vice-presidente da Câmara de Legislação e Normas); do Conselho Universitário e Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa.

LIDERANÇA

A vida de estudante do novo Vice-Reitor da UFPE foi caracterizada por intensa atividade de liderança: foi presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco (1953); secretário do Diretório Central dos Estudantes (1954); vice-presidente e presidente da União dos Estudantes de Pernambuco (UEP) em 1954. Foi o orador da sua turma (1954) do Curso de Filosofia (Licenciatura).

O Prof. Geraldo Lafayette figurava como o segundo mais votado da lista sextupla eleita pelo Conselho Universitário e remetida ao Ministério da Educação e Cultura, para nomeação, pela Presidência da República, do novo Vice-Reitor da UFPE. Era ainda o mais jovem candidato ao cargo.

ATRIBUIÇÕES

Agora, oficialmente, suas atribuições são: substituir o Reitor nos seus impedimentos, e, segundo os Estatutos da Universidade, tem a incumbência de coordenar e supervisionar os órgãos suplementares — Editora Universitária, Biblioteca Central, Núcleo de Processamento de Dados e Núcleo de Rádio e Televisão.

Quanto à escolha do seu nome, é voz corrente: foi das mais acertadas, considerando não só a sua capacidade de liderança como também a larga experiência administrativa (bastaria lembrar os cargos que exerceu) na vida universitária.

Bolsa-Arte
é incentivo
a estudante

Idealizada por Maria Alice de Castro e Paulo Ramos Coelho Filho, dos Departamentos de Assuntos Culturais e de Assistência Estudantil do Ministério da Educação e Cultura, a Bolsa-Arte visa incentivar a atuação do universitário no setor artístico-cultural, descobrindo e lançando novos valores.

Subdivide-se em três modalidades: anual, semestral e móvel. O estudante pode concorrer a qualquer uma das três mediante a apresentação de projeto expondo a natureza e objetivos do trabalho que se propõe realizar nos diversos setores das artes. Deverá o projeto ser encaminhado ao Departamento de Extensão Cultural (DEC) da UFPE, órgão encarregado do assunto. O DEC tem recebido muitos estudantes interessados, inclusive os primeiros projetos estão sendo apreciados.

O diretor, Marcus Accioly, vem mantendo uma série de contatos com os universitários, expondo os objetivos da Bolsa-Arte, bem como a respeito do trabalho do Departamento, convocando os universitários para a realização de um trabalho em conjunto, especialmente através deste Jornal, registrando considerável parcela de colaboração, como se pode observar nas suas páginas. "O DEC existe para servir ao estudante, e não há sentido fazermos algo sem ele" — disse Marcus Accioly.

O eco da poesia: uma forte arma para que houvesse a Abolição



O POETA DOS ESCRAVOS

O poeta dos escravos é o poeta da raça. Conhecida pelo lado lírico, sua poesia assume uma incomum grandeza épica nos últimos anos de uma existência de vinte e quatro anos apenas.

O índio — herói nacional — cantado em prosa e verso por José de Alencar e Gonçalves Dias, recebe pouco da natureza americana de Castro Alves: quase nada além do poema *A Virgem dos Últimos Amores*.

Porém deslocado das senzalas para o palco, o negro é o novo herói nacional. Herói este que somente Euclides da Cunha substituiria pelo sertanejo previsto por Alencar. Lucas é o símbolo de uma nova beleza e uma nova coragem que chega à vigança.

Era o filho das florestas!
Era o escravo lenhador!
Que bela testa espaçosa,
Que olhar branco é triunfante.
E sob o chapéu de couro
Que cabeleira abundante!

Castro Alves foi um revolucionário e a sua poesia não é outra coisa que a revolução:

E eu disse: silêncio vento,
Cala a boca furacão.
No sonho daquele sono
Perpassa a revolução!

A força do seu verso é como um tiro repetido, ecoando em tudo que é silêncio: "O estampido estupendo das quedas" cujo vigor antecipa-se em mostrar o que lhe seria quando fosse maduro como as árvores: "Sinto não ter um raio em cada verso"

De punhos de rendas, olímpico como o seu nadador,

O Brasil não poderia furtar-se ao grito de humanidade que ecoava pelos quatro cantos do mundo. E, enquanto em outros países, como os Estados Unidos, por vias indiretas, a luta pela abolição acabou levando a uma Guerra Civil, aqui, apesar do confronto de opiniões e interesses, o trabalho escravo acabou sem derramamento de sangue. Parece que vemos confirmada a tese de que em nosso país os grandes problemas nacionais encontram sempre uma via pacífica.

Humanistas e poetas (entre estes, Castro Alves, o maior expoente) se empenharam no esclarecimento da opinião pública, despertando a sensibilidade dos brasileiros para o fato de que a escravidão manchava nossa bandeira, nosso nome entre os países mais evoluídos, manchava nossa honra.

A decisão veio de cima, da própria Princesa Isabel, substituta do Imperador enquanto este viajava. Um ato de coragem, com o qual a própria Família Real arriscou a Coroa em nome do humanitarismo, pois as idéias de abolição estavam igualmente impregnadas de ideais republicanos. Abriam-se, então, as portas para conquistas maiores, inspiradas há muito pela Revolução Francesa de 1789.

COMEMORAÇÕES

O 13 de Maio, uma das datas mais significativas da nossa história, foi comemorado com eventos culturais, artísticos folclóricos promovidos no âmbito de entidades públicas e privadas, notadamente estabelecimentos de ensino, com um só objetivo: enaltecer a grande data, render preito de gratidão aos homens que lutaram em prol da Abolição e à imensa contribuição negra em todos os setores da vida nacional.

Há quem guarde, inclusive, lembrança com telurismo dos velhos negros no eito e na Casa Grande. De qualquer forma, ele, o negro, é sangue que corre nas nossas veias, é gente que vive com a gente, é elemento que veio para cá, adaptou-se à terra e, hoje, sem os horrendos grilhões, vive da terra e para a terra, sendo igualmente brasileiro, participando e contribuindo efetivamente em todos os setores da atividade humana.

ele desce ao povo para provar que existe, paradoxalmente, uma mancha branca sobre o preto: "Desce do espaço imenso, ó águia do oceano".

Seu canto foi o látego na desgraça e, epicamente, ele invoca Deus como senhor dos desgraçados.

O mundo novo precisa quebrar as arcaicas estruturas, modificar as leis, sanar os erros e marchar.

Quebre-se o cetro do Papa.

faça-se dele uma cruz;

A púrpura sirva ao povo

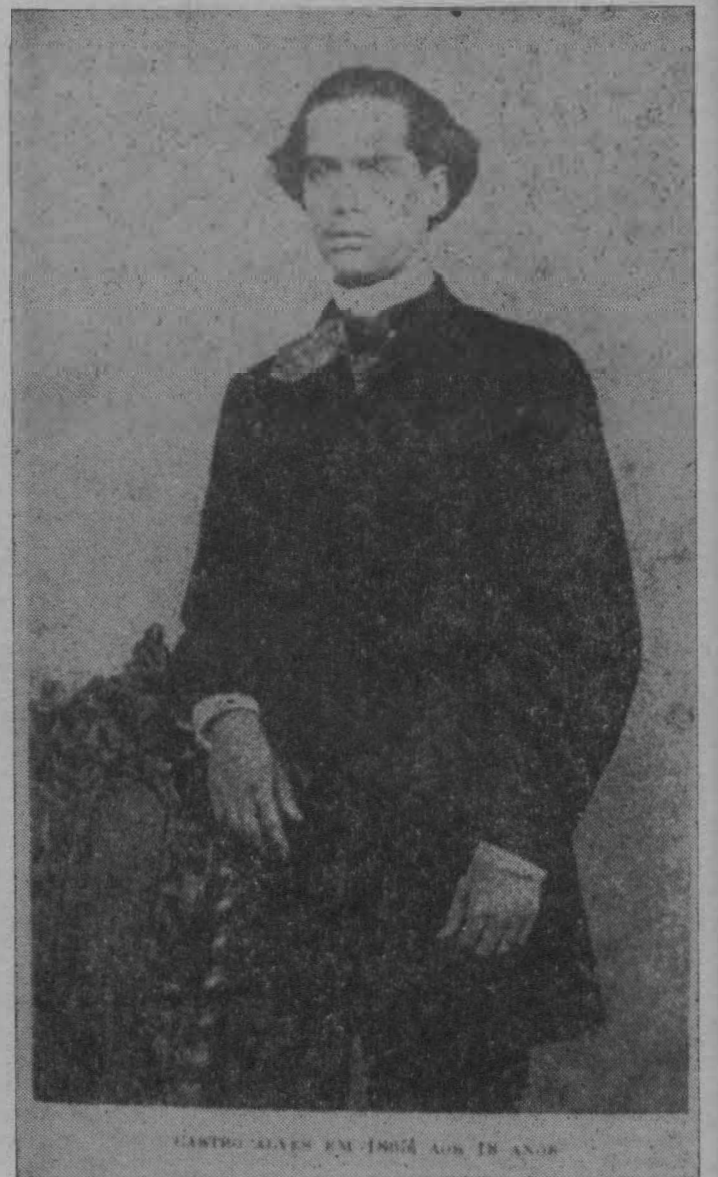
Pra cobrir os ombros nus.

A escravidão existe porque "existe um povo que a Bandeira empresta / pra cobrir tanta infâmia e covardia". O Navio Negreiro é um borrão sobre o manto do mar e a África Negra é um novo Prometeu acorrentado no deserto, preso à corrente da terra de Suez e devorado por um sol abutre que paira mais baixo que o Albatroz-Leviatã.

Jamais uma raça teve um canto mais belo e mais doroso, porque na voz de Castro Alves estão as próprias vozes d'África. O negro vingador da honra de Maria, sua noiva, sob o véu da cachoeira, é o povo inteiro, a escravidão inteira, o poeta inteiro e em voz-alta.

O condor morreu cedo e, se tivesse tempo, o seu voo atingiria as estrelas. Ele, mais que ninguém, ouvia o "murmurar das coisas" ou o "cantar dos Astros", porque sabia o silêncio e a solidão.

Tinha os olhos no tempo do futuro, na república, na liberdade e (por que não dizer?) no amor. Suas mãos pos suiam gumes e pólvora e o seu gênio repercutia na pedra como desastre da água, "a Cachoeira, Paulo Afonso, o Abismo, A Briga Colossal dos elementos!" M. A.



A CAMINHO DE GANGAZUMBA

(ou: Visão do Alto da Serra do Gigante).

AUDALIO ALVES

(Fragmentos)

Tigre sem garras, mas na fúria tigre.
Faca sem gume, mas no golpe faca.
Águia sem asas, mas no voo águia.
Fera domada com a visão de lírios,
leão laçado, cascavel de algemas,
assim chegastes ao ar americano,
ao chão de meu País, à tua arena.

Mas,

oh rastros imortais que o chão não gasta,
oh nada sem destino e continente,
contigo aqui, sem nódoa, voaria
a pluma vertical do amor terreno.

3

Viver: Viver como viveste.
Nascer não só — que o parto é concebido:
Somente a morte é campo conquistado.
Para viver, enfim, terás nascido
da própria morte, rude e desgarrado.

Viver como viveste:

Servidão de pé olhando a luz

no alto e em baixo o abismo

necessário à fé Viver como viveste:

O pôrto, o ferro, o casarão

— a ampla alvenaria do sofrer

O boi, o cão, a canga de união

— a dor partida entre o homem e o boi.

O capinzal, a terra,

— o homem e a cana sob o mesmo dono.

O corpo e o sol: a morte den da vida.

A noite e o dia: o sonho den do sonho.

De novo o sol, o boi e seu irmão,

o rastro, o rastro, o rastro, a fuga

e o capitão

Olho de arco,

segue-se à luz o alvo de tua vista.

Viver como viveste:

A pele escura, mas a carne em chamas.

Aos ombros pedra, mas no peito um pássaro.

De um lado plumas, mas de outro escamas,

A língua sangue, mas nos lábios canto.

A esquerda sonho, à direita lei.

As mãos atadas, mas o sonho livre.

De um lado escravo, mas do outro rei.



JOSÉ CARLOS TARGINO

OS GAFANHOTOS INÓCUOS

Quando Nathanael West publicou *O Dia do Gafanhoto*, aí pelos meados dos anos 30, uma torrente de elogios desabou sobre o romance. Dashiell Hummett, F. Scott Fitzgerald e Edmund Wilson, entre outros não menos importantes, engrossavam o coro dos deslumbrados. O romance vendeu mal, contudo. Mas, três décadas depois, a Paramount resolveu patrocinar uma versão do livro. E, talvez, ninguém melhor do que West para abordar o tema dos indivíduos cuja maior glória seria a ascensão ao estrelato cinematográfico: ele viveu muitos anos na outrora afamada Meca do Cinema, conheceu in loco o desajuste desses infelizes, colaborou na feitura de três insignificantes produções da Colúmbia. Enfim, um romancista de segunda ordem, um homem tortuoso, provavelmente atormentado pelas mazelas do cotidiano da Los Angeles de então — uma cidade ainda à mercê das dificuldades provocadas pela Recessão —, enfim, como eu dizia, este romancista menor escreveria o melhor livro sobre a fábrica de sonhos do cinema. E, o que é mais importante, focalizando principalmente as figuras do terceiro escalão da sociedade local.

Fiasco

O Inglês John Schlesinger e o americano Waldo Salt, respectivamente diretor e roteirista, uniram seus esforços em torno do livro de West. Para muitos, porém, *O Dia do Gafanhoto* era enfiável. Tão infimável quanto

O Estrangeiro de Camus, *The Wast Land* de Eliot ou *Introdução à Metafísica* de Heidegger. Schlesinger e Salt, no entanto, insistiram. E, para os admiradores de West, nada foi tão constrangedor, pois, apesar de ambos terem prometido fidelidade ao texto, o filme não passa de um amontoado de incongruências, inexistências, banalidades a torto e a direito.

A cena da Batalha de Waterloo (um filme dentro de um filme), por exemplo, perde em ironia o que ganha em monumentalidade. No livro, a passagem está revestida por uma dolorosa e sutil camada de ironia; no filme, porém, não passa de uma hecatombe de proporções wagnerianas. Nada tão constrangedor. Mas o filme custou alguns milhões de dólares, e os responsáveis julgaram prudente atrair as massas. Não se sabe se as massas aprovaram a idéia. Talvez sim, pois, pelos menos nas passagens finais, *O Dia do Gafanhoto* parece mais um filme do tipo *Terremoto*, *Inferno na Torre* ou coisa que o valha. Só que Schlesinger tinha pretensões intelectuais.

Deformações

Faye Greener é uma jovem cansada de fazer pontas. E a irrelevância dos seus papéis faz com que ela procure um homem rico, poderoso, que a conduza a melhores perspectivas. Mas o homem com quem depara, Homer Simpson, é um pobre diabo. Simplório, frustrado sexual, o “herói” de Faye vive ensimes-

mado em meio às suas questões comezinhas, sem compreender o terrível drama que se desenrola além das portas de sua luxuosa casa. Tod Hackett, desenhista de cenários, também ele em busca de melhores dias, conhece muito bem o solo em que pisa. E ironiza. Ele presencia a catástrofe final, mas escapa. Adore, o menino-prodígio, está reduzido a um andrógino. Ele é um reflexo de Faye, a deduzir da cena em que Simpson, como se estivesse cometendo uma vigança sexual copria a moça, pisoteia várias vezes o seu indefeso corpo. Com o assassinato do menino, e no momento exato em que a multidão festeja os seus ídolos diante de um palanque, as coisas se precipitam. Simpson é sacrificado num ritual de características fascistas. Os policiais, atônitos, não sabem o que fazer. Carros são incendiados. Enfim, uma paranóia digna dos ventos que atualmente sopram em Hollywood. *Terremoto*, *Inferno na Torre*, *O Destino do Poseidon*, esses são melhores, mais corretos, mesmo porque não têm grandes pretensões. Ou seja, são melhores porque atingem o seu verdadeiro objetivo: a filmagem do nada, do irrelevante.

Más adaptações

Geralmente, todo grande livro é sacrificado pelo cinema. Referimo-nos, mais atrás, a três livros “infiláveis”. Um deles, contudo, foi levado ao cinema através de Luchino Visconti, o admirável mestre recentemente fale-

cido. Pois bem, *O Estrangeiro* resultou no maior fracasso de toda filmografia do italiano — apesar de, anos depois, ele ter feito coisa bem diferente com uma novela de Thomas Mann, “Morte em Veneza”. Mas, no caso de *O Dia do Gafanhoto*, há quem queira atribuir a má adaptação à igualmente má performance do diretor britânico, Schlesinger, responsável por dois filmes fartamente elogiados (*Perdidos na Noite* e *Domínio Maléfico*), é acusado, entre outras coisas, de misoginia. Em qualquer dicionário, lê-se: “Misoginia: repulsão mórbida do homem às mulheres”. Em Bergman é diferente, mas a incomunicabilidade de homem-mulher, um dos temas prediletos do cineasta sueco, não esconderia, inconscientemente uma diferente espécie de misoginia?

West disse, certa vez, que havia escrito um apocalipse de segunda mão. Os gafanhotos, que no livro e no filme são as pessoas enlouquecidas pela possibilidade de tocar num ídolo, são uma praga bíblica. West parecia ter em mente a purificação da terra, a substituição de todos aqueles fanáticos por indivíduos que compusessem uma verdadeira civilização, um status digno, humano e radiante de eloquência e criatividade. E, como João Batista, clamou num deserto. Até Schlesinger e Salt resolveram mutilar o verdadeiro sentido de suas palavras e anseios, transformando *O Dia do Gafanhoto* numa histérica demonstração de glamour.

IBOPE para TV-U

Inaugurada oficialmente há oito anos atrás, a Televisão Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco, teve o privilégio de ser a primeira no gênero em todo o País. Para os telespectadores do Estado, a satisfação era dupla: além de o Recife ganhar mais um canal de Televisão, havia a

perspectiva — suis generis, por sinal — de uma programação inteiramente cultural.

Mas uma televisão cultural conta com uma singular desvantagem: ela não sensibiliza a todas as faixas de público, sobretudo num país onde o Governo ainda luta tenazmente para estender a



todos os cidadãos o inalienável direito à alfabetização. Por outro lado, não é fácil concorrer vitoriosamente com uma televisão comercial, cuja programação, mais diversificada e excitante, é mantida graças aos polpidos rendimentos proporcionados pelos anunciantes.

Requisitos técnicos

O sofisticado equipamento eletrônico da TV-U é de origem japonesa, totalmente transistorizado. Por sinal, o primeiro desse tipo a ser instalado na América do Sul. Em agosto de 1974, a televisão inaugurou seu segundo estúdio e vários melhoramentos na Divisão Técnica, cujas obras contaram com recursos financeiros oriundos do Programa Nacional de Telecomunicações (PRONTEL) e da própria Universidade Federal de Pernambuco.

No novo estúdio, foram instalados equipamentos eletrônicos doados pela OEA, de procedência norte-americana, constituído de 2 câmaras “publcon”, “switchman” com mesa de efeitos completa, mesa de áudio, com toca-discos e gravador, e outros recursos técnicos. O segundo estúdio da TV-U mede 25x20 metros, com revestimento acústico moderno e sistema global de iluminação “Colortran”.

Audiência

Mas, mesmo dispondo dessa excelente aparelhagem técnica, a TV-U depara com in-

cômodos obstáculos. “O telespectador exige uma programação de acordo com as suas exigências. Por exemplo: exibição de grandes filmes, cobertura de jogos do selecionado brasileiro de futebol, e outros tipos de ingredientes geralmente apreciados. O telespectador tem razão, mas a Televisão Universitária não dispõe de recursos financeiros suficientes para suprir tais deficiências. Nossa verba, ao invés de aumentar, diminuiu”, afirma José Mário de Austregésilo, coordenador da programação.

Há apenas um ano na Coordenadoria, Austregésilo acrescenta que, apesar de tudo, a TV-U tem obtido, aqui e ali, confortadores índices de audiência. E argumenta com dados: “É muito bom, por exemplo, saber que o IBOPE atribuiu à nossa cobertura momeca um excelente índice de audiência. Superamos a Televisão Jornal do Commercio, só fomos superados pelas poderosas Globo e Tupi. Quer dizer, então, que valeu a pena o esforço dispendido”.

Portanto, não deixa de estar sendo cumprida a finalidade com que a televisão foi

criada. Há pouco tempo, suas câmaras filmaram todas as coisas interessantes encontradas no percurso Recife-Nova Jerusalém. Nesta última cidade, a TV-U filmou as melhores passagens do belo espetáculo “Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”, encenado todos os anos naquela região do agreste pernambucano.

Austregésilo promete mais. Ele diz que, dentro em breve, a TV-U terá condições de apresentar muitas novidades no campo do cinema. Bons filmes e palestras bem conduzidas poderão saciar a fome daqueles que se interessam pela Sétima Arte.

Música

A TV-U dispõe de um vasto acervo de videotapes. Frequentemente, os telespectadores que a sintonizam têm vivido bons momentos com a música dos nossos melhores compositores populares. Desde Dick Farney à Banda de Pau e Corda, passando por Chico Buarque de Holanda, Milton Nascimento, Maria Betha-

nia e Carmem Costa, entre outros, quase todos os nossos canções vão sendo divulgados

Também vêm sendo exibidos tapes focalizando a música dos grandes mestres. Não é raro o telespectador deparar com Artur Moreira Lima interpretando Chopin, Ravel. Assim como não é raro uma audição com um eminente conjunto de música de câmara interpretando J. S. Bach. Ou com o Quinteto Armorial, ligado à própria Universidade Federal de Pernambuco.

Cursinho no vídeo

Enfim, há razões de sobra para que aumente ainda mais a audiência da TV-U. Recentemente, foi criado mais um programa cuja importância não pode passar desapercibida: o “Tele-Vestibular”, que interessa, principalmente, aos milhares de jovens que vão ingressar na Universidade. “Estou ansioso para saber a verdadeira repercussão do nosso novo programa”, finaliza Austregésilo, que espera ganhar mais uns auspiciosos pontos no IBOPE.

AINDA SOMOS MENINOS

MARCUS ACCIOLY

Em outra estória, diferente desta conversa, tive oportunidade de dizer que falar de mim mesmo seria escrever com outra mão. Porém, mais difícil do que escrever com outra mão, é escrever, ao mesmo tempo, com duas mãos, ou seja, com a minha mão e outra. Eis o que faço agora, para falar do primo-irmão Geber Accioly: há nele alguma coisa de mim e alguma coisa dele mesmo, assim como existe em mim qualquer coisa dele e qualquer coisa de mim mesmo.

LAUREANO

A minha infância de menino de engenho Laureano, em Aliança, foi um dia perturbada pela chegada de Geber. O meu primo vinha do Recife e era mais velho do que eu, um ano. Trazia fama de inteligência (aluno do Colégio Americano Batista) enquanto eu, o meu amigo Neco e os moleques da bagacela, tínhamos fama de vadios. O "doutorzinho" parecia um padre e fazia sermões na mesa da casa-grande. Nós, os vadios, descontávamos tal sabedoria, mostrando ao visitante as nossas práticas com os cavalos de sela, os exercícios de cangapés no açude do engenho Falcão e o nosso esconderijo de folhas para ver o banho das mulheres do rio Sirijí. (Nessa época ele deve ter aprendido alguma cantiga que eu escrevi depois).

MUDANÇAS

O resultado foi positivo: o sábio virou vadio. Em breve ele era um dos nossos, embora estudasse no Recife e só passasse no engenho os fins de semana e as férias.

Dentro do nosso realismo íntimo, as lagartixas mortas, à baladeira, se transformavam em calangos vivos; os morcegos viravam ratos como as lagartas se metamorfoseavam em borboletas; os dedos indicadores, quando entrançados, evitam que os cachorros sujassem no pátio ou no jardim.

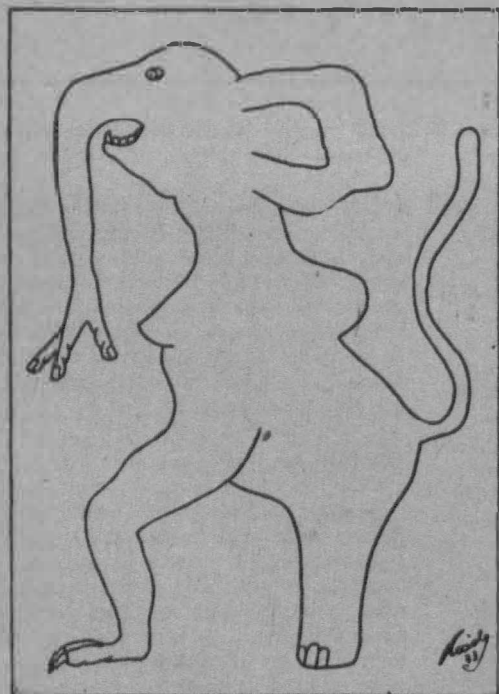
Itamaracá era o mar — situado do outro lado da nossa terra. Távamos lá uma vez por ano e sempre levávamos uma jangada de gravatá e água de chuva para beber.

Mas, enquanto isso, um acontecimento triste modificou a nossa infância: a morte do meu avô materno, José Pedro Bezerra de Mello. E, aos onze anos, eu também vim para o Recife.

Porém, outro destino rural (eram os nordestinos como o nome do meu livro) nos esperava: o engenho Jaguaraba, do meu avô paterno, Nestor de Medeiros Accioly.

No início eram fins de semana e férias, até que não mais aguentei a falta do engenho. Mostrei a meu pai (vermelha de notas baixas) minha caderneta escolar. O ano estava arruinado e, como único proveito, eu escrevia poemas precoces e havia publicado uns versos no jornal da Igreja Presbiteriana Fundamentalista. Não havia o que fazer, senão voltar à terra.

GEBER ACCIOLY



TEKNEZOOANTROPO

JAGUARABA

Assim, no começo da minha adolescência, abandonei o Colégio Americano Batista, para ser Senhor-de-Engenho. Logo depois me chegava uma companhia: O "ex-doutorzinho", que levava uma reprovação e só sabia de fazer desenhos.

Dai por diante, a nossa vida era o dia e a noite. O silêncio das matas era um pássaro contra os tiros das nossas espingardas. Fazíamos esperas e balanços de cipó em todas as árvores: o tucano, a torcaça, o jacu, a juriti e a sua não encontravam uma urucuba, um talo-fino, um cipó-chato, um pé de carrapateira ou de jacarandá sem espera. Os bichos, da raposa ao veado, também perderam o sossego quando apareceu o cachorro "Tupã" e a cachorra "Cioba". Os nossos cavalos — "Ouro-Fino" e "Rozinho", "Asa Branca" e "Campeão" — sempre chegavam primeiro na cidade dos Barreiros ou na praia de Tamandaré (o outro mar). Tínhamos varas-de-bambu para todos os peixes. Galolas para todos os pássaros. Além de cacetes de quiri, arcos-de-jenipapo, facas-peixeiras e armas-de-fogo. Eramos donos do tempo.

Depois, foi o trabalho pesado: a falta de administrador, de um cabo-de-eito, era suprida por nós. Eramos responsáveis pelo fornecimento, pelas mercadorias, pelo apontamento e folha do engenho.

A tradição de coragem e violência da família Castanha (da nossa avó paterna) e o parentesco dos Moraes (da minha avó materna) com Antônio Silvino, nos fazia respeitados dentro daquele clima de fronteira com Alagoas.

VISITAS

Enfim, veio uma nova visita, o meu irmão Nestor que, ainda criança, já podia montar a cavalo e usar faca. Só não podia andar com arma-de-fogo. A minha irmã — Lânice — chegou depois e nunca encheu de choro as noites da casa-grande.

A tristeza de tudo isso é mais agora do que antes. O outro engenho era também dentro de mim (como os meus avós) porém, ali estava o seu prolongamento, a sua extensão, o seu cheiro de lembrança.

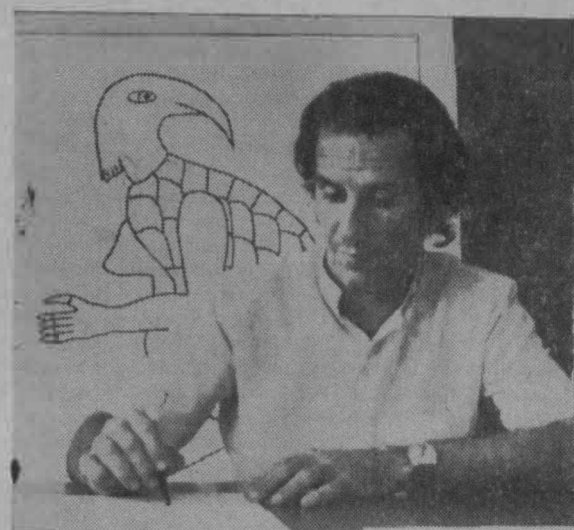
AS NOITES

As noites do engenho eram iguais. Só, às vezes, um silêncio acendia a solidão ou a cambiteira assustava o nosso sonho com a sua voz-de-cachorro-lobo e o seu tólego-de-ferro. Nas sextas-feiras havia um Samba-de-Matuto no engenho vizinho — "Juçara" — e o resultado de sempre eram algumas mortes, que atraíam a polícia de "Muitos Cabras" para levar os defuntos nas redes. Fazíamos alcapões-de-sumbacuir e bambu, para encher as horas. Da viga principal da casa-grande pendia um lampião de querosene, que projetava mais sombras do que luz ou bichos de sombra na cal da parede. Determinávamos suas formas como quem olha as nuvens ou contempla, à distância, algumas árvores. Falávamos pouco, e, quando o frio do terrço permitia, saíamos às estrelas e à lua, para ouvir o silêncio, onde o sono dos bois e das pedras eram vozes vivas. Longe, sempre existia a luz qualquer de um candeiro, uma pancada seca de porteira, um risco de pilha dentro da noite. Às vezes uma cantiga de mulher, parecendo com o rio, inundava o nosso tempo.

Falo de tudo isso porque procuro encontrar as nossas primeiras influências. Cada coisa, isoladamente, tinha a sua importância dentro de nós. Recordo até uma piada-moral, que o administrador, "Seu" Júlio, nos contava sempre: "Um cachorro e um gato estavam, à noite, em uma casa escura. De repente, o cachorro assustado perguntou: — compadre, que estrondo foi aquele na cozinha? E o gato, calmamente, foi olhar e respondeu: — Foi nada não, compadre, é que caiu o cabelinho de um rato". Depois ele mesmo nos explicava: "É que cachorro ouve muito e gato vê muito".

O INVERNO

O inverno era pesado. "Esse engenho" — diziamos — "é o penico de São-Pedro". Era a anedota de todos os dias. Os cassacos usavam botas de lama e capote de estopa. "Sapo fuma cachimbo na



chuva" — diziam — "jia-pimenta pita cigarro e a formiga-tanajura cria asa e engorda a bunda". Tudo era um riso só, um só-riço.

Os bichos arrepiavam o couro debaixo d'água: burros com catarro, bois com bicheiras, galinhas com nordeste. E os pássaros? As matas eram um pinga-pinga infinito de tempo cinzento. "Passarinho não gosta de chuva" — comentávamos. E tudo se amparava do tempo, com guarda-chapêus de folhas de bananeira; menos as mulheres que levavam puçás e jerejés ao dilúvio do brejo. As tardes eram das tanajuras (em vez de cigarras e lagartixas-da-mata) e a noite dos sapos-cururus (em vez dos grilos e vagalumes). O barulho lento da água, aumentava a prole dos cabras. "Os meninos da casa-grande não querem saber de nós" — as raparigas se queixavam e tinham medo de doenças. "Eles devem ter alguma coisa lá pela cidade ou pela praia". "Nada" — outras alavam — "são bodes-protestantes".

O TEMPO

Foi dentro deste ambiente, mágico e real para nós, que se desenvolveu a minha poesia e a pintura de Geber. Os seus bichos vieram da zona da Mata Seca e Úmida, do litoral de Itamaracá e Tamandaré. Vieram das estórias de cabras-cabrielas, mulas-de-padres, semi-cabeça e lobisomens. Vieram das caiporas, da fantasia grotesca do Caga-Grosso — misto de animal e gente — que morava na floresta do Espinhaço-do-Cão, mas, às vezes, estava na mata do Cemitério-dos-Bois, em Jaguaraba, onde alguns "rastros".

Os seus bichos são de toda a sua vida. O tempo tratou de reproduzi-los mais tarde, como se fossem arrancados vivos da infância. O tempo também cuidou de colocar neles as cores, parecidas com as cores da Zona da Mata: o vermelho do barro e do sangue, da sapucaia florida e da goiaba, do coco catolé, do maralal e do dendê; o amarelo do sol, das flores do paudalco, da cana madura, dos canários da terra; o verde das folhas, do mata-pasto, da fruta-inchada, do capim, das margens do açude e dos telhados; o roxo do cinzento, o azul do azul e o preto e branco.

Também existe alguma cor marinha, diluída na água, gasta de sal e maresia, como a pintura das canoas e barcas e das janelas e portas de Itamaracá. Talvez alguns desenhos de sereias e peixes, monstros mitológicos de Santo Aleixo e Tamandaré, sejam incolores.

Acreditar em Geber é acreditar em mim mesmo. O seu desenho e pintura, que aparecem agora, podiam nunca ter surgido. Eles existiam antes. Estavam atrás dos seus olhos e das suas mãos, dentro do seu próprio mundo, sempre carregado da força e da magia que o tempo ensinou com sua fala-muda. Assim, eles saltavam para as telas, não pela adoção da infância, mas pelo compromisso com o tempo, pela responsabilidade e única maneira de continuarmos aqui, quando lá não estivermos aqui.

O tempo é quem sabe o futuro. Nós dois, quando muito, sabemos algumas palavras e algumas cores. Talvez que, dentro de nós mesmos, ainda sejamos meninos, por isso a infância quer ser reinventada.

JAIRO LIMA: Teatro é jogo / festa / ritual

Jairo Gonçalves Lima, com 31 anos de idade, natural de Arcoverde, Sertão de Pernambuco, sempre fez do teatro a tragédia e a glória de sua vida, abandonando por ele até mesmo os melhores empregos só para não perder de vista ou enterrar a sua determinação fundamental. Atualmente publicitário (diretor de criação), teve diversas peças representadas, por cidades as mais diversas, como Fortaleza e Crateús, no Ceará; Natal, no Rio Grande do Norte; João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba; Te-

rezina, no Piauí; Porto Alegre, Santos, São Paulo, Rio de Janeiro, sem falar do Recife e de várias cidades do interior de Pernambuco. Entre suas peças mais importantes destaca-se *Canção de Fogo*, agraciada com o Prêmio Recife de Humanidades/73, e que será publicada pela Editora Universitária.

A sua entrevista revela as preocupações mais importantes da sua dramaturgia, que conta ainda com duas peças: *Mas Livrai-nos do Mal* e *Lampeão no Inferno*.



P — Você, Jairo Lima, acha o teatro uma atividade apenas lúdica, ou o ludismo do Teatro, que constitui sua primeira descoberta, transformou-se atualmente numa forma de representação da realidade mais próxima das inquietações do homem, em termos de presentificação da realidade humana em sua totalidade?

R — Teatro é jogo/festa/ritual. Realidade compromissada com a estrutura globalizante do Homem/Consciência, projetada nas configurações abstratas do vir-a-ser e do dever-ser.

Intrinsecamente lúdico, posto jogo, conquanto possa expressar a angústia cósmica ou a gargalhada enfiada dos séres; vontade/reflexão/reflexo. A mim, de início, encantou-me o jogo e depois as suas infinitas possibilidades de combinar-se e recombinar-se.

Proponho meus enigmas a parceiros hipotéticos e sofro a comunhão de uns e a agressão de outros com a mesma alegria de quem, dançando, expressa sua força vital na diversidade dos movimentos, ora trágicos, ora obscuros, alegres, irreverentes, contritos, mágicos... de qualquer forma resultantes de uma mesma explosão do corpo que cumpre o antigo ritual de transubstancializar-se e oferecer-se ao sacrifício espacial do gesto.

P — Como você encara a popularidade no Teatro? Em que sentido a popularidade no teatro coincide, em termos de linguagem artística, com a sua preocupação de traduzir dramas universais do Homem?

R — A expressão "popular", em Arte, muitas vezes significa um ranço classicista criado para proteger o "código inviolável" das auto-denominadas elites. Propriedade de um grupo social. O "meu" Mozart. O "meu" Camões.

Nas artes plásticas e na Música, a velha dualidade parece ter os dias contados. Tal não acontece com o teatro.

Escrevam-se peças populares, desde que se respeitem os códigos/propriedades.

Aceito a arte popular como uma opção estética consciente.

Em teatro, sou pelo bumba, reisado, pastoril, como motivação estrutural, e pelo cordel como elemento literário/estilístico.

Sei que é um sistema, com as vantagens e desvantagens dos sistemas, mas creio que ele pode dimensionar cabalmente o drama universal do Homem. Jamais pedirei desculpas ao Rei, nem redigirei a petição do fogo no papel timbrado dos cânones oficiais ou oficiosos.

Quero um teatro popular e brasileiro com um código brasileiro e popular, e não me interessa o que a Corte pense a respeito.

P — Que direção histórica você segue, literariamente, em sua dramaturgia?

R — Histórica? Creio que a mesma do cordel, o que torna ocioso discuti-la, pois já foi exaustivamente analisada pelas maiores autoridades no assunto. Isto, literariamente falando.

Do ponto de vista especificamente teatral, fui influenciado por García Lorca, embora tenha seguido diferentes caminhos.

A proposta básica, no entanto, de um teatro popular, teve em Lorca a sua expressão mais legítima.

P — Você entendendo o teatro como uma catarse no sentido aristotélico, acha que o sentimentalismo constitui um entrave para uma representação da tragédia em seu sentido total de interpretação humana?

R — Num teatro criado a partir da realidade nordestina, talvez sim. A tragédia nordestina situa-se após a última lágrima, naquele momento em que explode um riso nervoso e violento.

Em termos populares, é o conceito corrente segundo o qual "degrafa pouca é besteira".

Isto representa uma atitude inteligentemente crítica do povo diante da adversidade.

Daí, suprimo a cumplicidade do sentimento, deixando que o riso lance uma luz branca e cruel sobre o Drama.

Observe-se o bumba-meu-bol, por exemplo: trágicos ou cômicos, todos os personagens que intervêm na representação deixam a arena sob as mesmas irreverentes herdgadas, como para significar que a dor e o riso são faces de uma mesma medalha. Não há "nobreza" na dor.

Herói é quem ri mais alto e por último, conquanto possa haver santidade no último riso. Para tanto, os santos são alegres e inocentes, com direito irrecusável a um certo deboche.

Aliás, outra coisa não me ensinou, um sertanejo, fazendo-me ver que Deus "mangou" muito de Santanas quando o precipitou nas profundezas do inferno.

P — O que você pretendeu, artisticamente, em sua primeira peça teatral *Mas Livrai-nos do Mal*?

R — Quando se trata de explicar/defender o que escrevo, calo-me. Uma peça teatral se justifica no palco e só nele.

Mas Livrai-nos do Mal, *Lampeão no Inferno* e *Canção de Fogo*, minhas três peças representadas, foram julgadas pelo público, não por mim. E o veredicto foi dado por cada um em seu íntimo. "Velle non discitur", ensina Sêneca, e eu me permito completar: não se ensina a querer, tampouco.



Andréa e os bosques de Rousseau

Andréa Carvalho Catão nasceu em Maceió, (AL), radicanando-se, porém, no Recife, onde cursa o primeiro ano de Filosofia no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Além do seu interesse por determinados estilos ligados à pintura — pois costuma pintar e pesquisar — Andréa dedica-se ao cultivo da crônica que, ao

lado do mergulho subjetivista e tom romântico predominante, ganha matizes psicológicos que entremostam uma vocação literária prestes a explodir.

A presente crônica, intitulada: "Rousseau: O Homem do Bosque", vale como estréia, reveladora de suas experiências mais profundas e do seu destino literário.

Um homem de profundos olhos azuis contempla a natureza. Há neste olhar a pureza insondável e inexprimível da interiorização nas águas aniladas do misticismo. Sim, nesta visão que não se limita aos recessos meramente físicos, chega ao seu eu pleno, à sua razão de ser, ao conhecimento de si próprio. Eles vagam absortamente nas trépidas torrentes de um límpido lago; suas afeições, associações, deduções estão submersas no interior deste subterrâneo infundo, nas origens mais remotas onde transcorre seu espírito refugiado. As pedras no fundo fazem silenciosas, sua consistência é amenizada pela abstração intensa que lhe doa sentimentos suaves, leves. Nelas são colocados os aromas do amor que fora colhido no rosado amanhecer, onde os pássaros com seus melódicos cantos acompanharam uma doce sinfonia para esses entes que recebem o calor da primavera. Como poderiam as pedras ficar indiferentes? Assimilaram entre si os atributos vitalizantes advindos daquele estranho vulto que regia todas as evoluções de um mundo singular. Os peixes bulbosos vinham à tona beijar algumas folhas aquáticas, atraídos pelo imã invisível que também os aproximava deste espírito perspicaz e sensível. O nado lento, harmonioso, refletia a tranquilidade dos recantos mais distantes. Assim, houve uma integração em surdina; um conduzia o outro ao

caminho mais seguro que contém em si, enquanto o carente fornece em troca o que possui em abundância. O altruísmo trêpera neste reino natural, onde não fica lugar reservado para o sofrimento, a angústia, pois são extravasados da maneira mais sublime. Não cabem a agressividade, a mesquinhez, o egoísmo, quando uma força oculta coordena todos os seres num sistema de igualdade, de expansão através das livres inclinações, da autenticidade.

Os olhos azuis se despedem deste quadro grandioso e vão caminhando... Seus passos lentos, contritos, revelam uma completa alienação do concreto, seus pensamentos estão voltados para as imagens retidas em sua mente da passagem anterior. Naquele momento, suas forças inúteis contra uma civilização viciada se perdem na imensidão do sossego que lhe causou aquele esconderijo. Não são mais lutas ou revoltas interiores, mas soluços adormecidos, pois as lágrimas se foram no lago profundo que ficou...

Novamente a realidade o absorve e vê, surpreso, que os seus pés inconscientes o levaram para um vasto e acolhedor bosque. As campinas verdes palpitam vívidas, os carneiros ao longe pastam nesta reiva, parecendo flocos de algodão, aglomerados de nuvens que, passageiras e nômades, vêm em busca do seu pasto celestial. De um rochedo próximo surge um pastor em roupas rudes, simples.

É um homem primitivo como o solo, mas que tem um ar cativante pela absorção da atmosfera campestre, das linguagens que escuta atentamente, quando então aprende na terra fértil ou árida, o sentido de ser. Sim, sabe como enfrentar a fortuna ou o infortúnio e como resolver qualquer contratempo, sem se deter em decepções e dissabores. Os olhos azuis percebem que este homem de nada mais precisa, que é realizado dentro de seus próprios limites, e, sem se turvar no emaranhado das aspirações futuras, desvia o olhar feliz. Agora reclinou-se vagarosa e sutilmente em violetas que, escondidas entre folhagens, estão como que ensimesmadas no seu temperamento esquivo. Não pretende aborrecê-las ou querer penetrar mediocrentemente em suas vidas, por isso aproxima-se e acaricia-as de leve, recebendo delas um sorriso. Sim, este ser havia percebido que elas se ocultaram com receio de ser machucadas, de ser colhidas por mãos que as fariam fenecer pelo sofrimento.

Mais adiante, avista nobres e elegantes lírios brancos que balançam com a brisa fazendo-os repicar na imensidão do verde de esperança e vida. Deus lhes havia concedido a pureza das crianças; foram o símbolo de Maria, que recebera respeitosamente um deles das mãos do anjo do Senhor. Portanto, o nosso homem, embora tivesse ideias e medita-

ções tão elevadas, não cessa de tocá-las, quando as macularia com a mancha do humano.

Continuou a caminhar e encontrou nuvens que, num cacho mais azulado, puderam lhe mostrar a paz dos céus, a paz das alturas que se eterniza naquele que conseguiu atingir o manto eterno...

Já havia amolecido as pedras, sorvido em si o andar tranqüilo que vira no nado dos peixes, afagado a violeta misteriosa, se purificado na valsa dos lírios, chegara finalmente ao estágio final que era a paz das nuvens. Seu corpo, agora cambaleante, tomba no bosque úmido, cai inerte e sua alma transborda. Com o tempo passado, seus vestígios se confundem com o solo tão amado, tão compreendido durante sua existência.

Como para imortalizar este ser, a natureza lhe oferta rosadas boninas como símbolo de um agradecimento pelo seu espírito penetrante e profundo. Estas boninas derramam lágrimas quando os sinos da igreja distante tocam ao anoitecer, o bosque resplandece mais intensamente. Neste momento toda a natureza pranteia um homem que se transportou a um plano superior raramente alcançado, que através do seu mundo interior chegou a marcar o tempo, outros seres a um bosque...

Sérgio Bernardo e a revolta com o cotidiano

Sérgio Bernardo da Silva, nascido no Recife em 21/01/48, e tendo apenas cursado o segundo grau, é operador de mecanografia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Escrevendo desde menino, a poesia para Sérgio "é como ter um punho à boca", segundo suas próprias palavras. Adotando uma forma breve e contida, sua poesia se insere numa linha de revolta contra o cotidiano sem, entretanto, ultrapassar uma perspectiva sociológica que inclusive lhe serve de base à poemática.

Ainda resta um caminho

AH, SE ELA NÃO TIVESSE
O OLHAR DERRAMADO NESSE PORTO
E O ANDAR NOS ANDES
CAÍDOS EM ENIGMAS

E SE SEU ÚNICO CORPO
AQUECESSE GRITOS
NESSES RIOS SEM ROTAS
QUE SEMPRE FOGEM

AS FRUSTRAÇÕES
EM CINZAS
DE UMA FLOR QUE RESISTE

Há demolições nas esquinas

EU NÃO LEVO ESSE
CALÇAMENTO
QUE TANTO FLUTUA
NO SORRISO
DESSA GENTE

LEVO UM SIMPLES
NÃO NO ESCURO
DEBAIXO
DESSAS SOMBRAS

QUANDO VOU PARAR
SOBRE AS PLANÍCIES?

ENGARRAFARAM-SE OS ABRAÇOS
E EU FIQUEI NO SALTO
DA PRÓXIMA CHUVA.

Rui Caminha: um viajante das coisas esquecidas

Um dos representantes não muito raros da postura romântica da lirica, na tradição literária pernambucana, Rui de Leão Caminha estréia neste suplemento, como portador de uma expressão poética em que o sentido do amor é inseparável do sentido do verso. Poeta do amor, apresenta, por igual, certas ressonâncias bastante encontráveis na tradição parnasiana, simbolista brasileira, no que pelo menos destoa da produção comum de nossa época.

Enigma

Viajante das coisas esquecidas,
que vagaste no tempo e só no tempo
é que encontrei tempo pra vagar:
não viste em algum lugar — vagando a êsmo —
o conturbado espírito de um homem
sem ideal, sem rumo e sem sentido?

Desventurado ser, nada tendo
que de belo pudesse oferecer,
circunvagou o tempo e, logo após,
decidiu caminhar espaço a fora —
mas em sentido inverso ao que devia —
e perdeu-se nas brumas do passado.

Castrado para o amor e para o belo —
foi algoz de si mesmo e dos demais,
que tiveram a má sorte de encontrá-lo
nas penosas jornadas desta vida.
Alçou um longo vôo — caiu por terra;
um gigante sentiu-se — e foi anão;
a verdade quis ser — e foi mentira.
Foi um eunuco, quando pretendeu,
de toda humanidade, ser o pai;
e assim, tentou ser tudo e não foi nada...

Nessa alucinação que o acometeu —
e o fez pensar que era, o que não era —
esse pobre infeliz sentiu-se um deus
e viu nesse absurdo imensurável,
seu único poder de afirmação
numa inútil passagem pela vida.

Viajante das coisas esquecidas,
que vagaste no tempo e só no tempo
é que encontrei tempo pra vagar:
não viste em algum lugar — vagando a êsmo —
o conturbado espírito de um homem
sem ideal, sem rumo e sem sentido?

Por certo que não viste e nem verás:
o que não teve corpo e nem tem alma;
que não foi substância, não foi nada...
talvez miragem foi... ou foi enigma...
Que nada fez, além do que foi dito:
circunvagou o tempo e, logo após,
decidiu caminhar espaço a fora —
mas sem sentido inverso ao que devia —
e perdeu-se nas brumas do passado...

E dele, nunca mais se ouviu falar...

18 de dezembro de 1974

Impasses da matemática contemporânea

FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA

(aluno de Matemática da UFPE)

Francisco Bernardes de Lacerda nasceu em Campina Grande, Paraíba, filho de funcionário público, e já aos 15 anos de idade lia e estudava com muita atenção Jean Paul Sartre e Kafka. Escrevia pequenas novelas e poesias, chegando a concluir vários trabalhos. Antes dos 20 anos ingressou na Faculdade de Engenharia, em Campina

Grande. Insatisfeito com o curso abandonou-o e veio para o Recife onde matriculou-se no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Sentindo, mais uma vez, que não estava satisfeito, ingressou no Instituto de Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco, onde se encontra até hoje.

A abstração é, sem dúvida alguma, necessária e inevitável no curso do pensamento humano, notadamente no pensamento metódico ou científico. O mundo físico é mudança, movimento, fluxo no tempo e no espaço, e o homem científico, ao tentar analisá-lo, teve inevitavelmente de separá-lo em partes para fins de classificação. Entraria aqui um estudo minucioso do modus operandi da consciência humana, o que, de antemão avisamos, está fora das cogitações presentes, pelo espaço que exigiria. O autor deste artigo está trabalhando nesse campo, de forma que, se o tempo e as circunstâncias permitirem, espera lançar-se mais ousadamente em certas hipóteses e teses num ensaio mais extenso e pormenorizado como o tema exige.

Sustentemos, no entanto, que a consciência cria entidades que simplesmente não existem no mundo exterior como tais. O repouso absoluto, o isolamento são abstrações, criações da consciência, visto que o mundo material é interrelacionamento e movimento incessante. Capaz de conceber coisas não naturais, o homem estabeleceu categorias e aspirações existentes no mundo exterior apenas de forma relativa e ainda como a maneira peculiar da praxis humana.

Ainda que alguns idealistas defendam com unhas e dentes a primazia da abstração como ponto de partida e não de chegada do evoluir do pensamento, é iludirse acreditar que o abstrato não teve seu início e ponto de referência nos dados sensíveis. Vejamos o caso da matemática, em primeiro lugar o problema dos números naturais. A matemática parece singularizar-se no conjunto das ciências sobretudo porque suas certezas aparentemente não derivam da experiência sensível. Isto não é verdade. Para Kant, por exemplo, uma afirmação simples como a adição de 7 e 5 só é possível graças à síntese a priori efetuada pela Razão, e ela nada teria a ver com a experiência sensível. Partindo de argumentos semelhantes, Kant estabeleceu o famoso julgamento sintético a priori, onde vê a origem essencial do pensamento e a partir do qual se desenvolve a "Crítica da Razão Pura", em parte um esforço com o fim expresso de explicar o conhecimento matemático.

A série de números naturais, se nos dignamos descer das alturas do abstracionismo, tem uma origem histórica, justamente a construção teórica realizada pelo pensamento na base da experiência, exatamente como outro conceito qualquer. Resulta da comparação sucessiva de coleções de diferentes grandezas realizada aos poucos e na medida das necessidades práticas. A comparação levou ao ordenamento das coleções, permitindo não só uma comparação mais rigorosa, como também efetuada na ausência das coleções em questão. Quando se efetua a soma de sete mais cinco, e se obtém doze, se está efetivamente reproduzindo uma experiência imemorial da humanidade, que formalizada pela linguagem simbólica da matemática acabou sendo esquecida.

A matemática pura existe e não a negamos: pode haver uma elaboração ma-

temática em que não intervém diretamente a experiência sensível. Isso ocorre quando a elaboração se realiza em plano elevado de abstração e referindo-se quase exclusivamente à conceituação já preexistente. Porém, na base mais longínqua da conceituação ainda está a experiência sensível. Todavia, não faltou quem quisesse de uma vez por todas dar um cunho axiomático a toda a matemática, em outras palavras, formalizá-la, de maneira que, dados alguns axiomas, toda a ciência matemática fosse a partir daí elaborada, tivessem ou não tais axiomas ligação com a realidade. Os formalistas, liderados por Hilbert, realmente chegaram a resultados altamente positivos: num certo sentido, conseguiram reduzir a geometria e a análise à aritmética dos números inteiros positivos, e estabelecer para a última um sistema finito de axiomas. Eis que surge Gödel e o sonho acabou: demonstrou que somente por meio do sistema de axiomas da aritmética, não se pode nem demonstrar nem refutar que este sistema não seja contraditório do ponto de vista lógico. Em outras palavras, a matemática não pode, por seus próprios meios, provar sua própria coerência. Assim, esta ciência, como as demais, é inacabada — não reflete a realidade, a não ser de maneira aproximada. Viu-se que é impossível a verificação da ausência de contradição lógica na matemática sem se comparar esta última com a realidade, sem se comparar seus axiomas com os objetivos do mundo real.

Para muitos, a matemática, com o teorema de Gödel, havia chegado a um impasse. Mas não foi esta a única contradição alarmante dessa ciência exata. É famoso o lamento de Frege ao receber uma carta do então jovem Bertrand Russell, quando aquele, depois de anos de pesquisas, viu toda sua obra ameaçada por uma das antinomias de Russell. Frege escreveu: "Dificilmente pode haver coisa mais infeliz para um cientista do que ver abalado um dos fundamentos do seu edifício, depois de terminada a obra. Esta a posição em que fui colocado por uma carta de Mr. Bertrand Russell..." Louve-se a honestidade de Frege, mas vejamos em que consiste essa antinomia.

A crítica de Russell atinge de choíre a teoria dos conjuntos, de Cantor, com a qual o sistema de Frege se relacionava. Podemos apresentá-la de uma maneira bastante simplificada. Primeiro, todos os conjuntos de objetos são também objetos? Desta forma, seja K o conjunto dos objetos que satisfazem "A não é elemento de A". K inclui todos os elementos, ou objetos (e apenas esses), que não são elementos de si mesmo. Se K for também um objeto, teremos o resultado inaceitável de que K é um elemento de K, se e somente se K não é elemento de K. O lamento de Frege não é sem propósito. Este paradoxo de Russell (e outros posteriormente formulados) mostra que há contradições na teoria dos conjuntos (ou no conceito de classe), problema não insignificante, pois a demonstração de que as contradições podem construir-se dentro de uma teoria dedutiva equivale a cancelar tal teoria. Os paradoxos de Russell atingiram pontos vitais da lógica matemática, como a necessidade de abandonar a lei dos terceiros excluídos e o prin-

cípio lógico da contradição, ou então de procurar modos de eliminar as contradições, corrigindo-se o sistema de formulação de nossos pensamentos. Daí que a linguagem tornou-se para os cientistas não só instrumento de pesquisa como objeto de pesquisa. Quanto a tais contradições na matemática, talvez Mostowski quem esteja com a razão; diz ele: "Um sistema que é excessivamente universal, um sistema em que se pode falar coisas demais, tem de ser contraditório".

O resultado imediato foi que se procurou reduzir o alcance de certas afirmações, restringir ao máximo a extensão de propriedades e evitar a generalização de conceitos. A teoria dos tipos de Russell e Whitehead, solução para tais paradoxos, é um exemplo do recuo que então se efetuou. A teoria dos conjuntos continua a ser aplicável, porém as restrições agora são imensas.

Observemos que os paradoxos de Russell, atingindo a teoria dos conjuntos, mostra que a matemática, tal como se desenvolveu, não está apta a aceitar, sem contradições, o conceito de todo (conjuntos, classes, relações) ou de totalidade. Tal como se encontra, não. Na base da lógica formal contemporânea está a lógica aristotélica. A lógica aristotélica já foi posta em xeque por Hegel, que propôs como substituta sua lógica dialética. A lógica dialética corre mansamente por incidentes como o terceiro excluído (para ela, um elemento A pode ser ao mesmo tempo não-A) e de conceitos como o de totalidade. Russell, por sua formação filosófica, recusou-se a encarar a possibilidade de aproveitar elementos da lógica dialética, o que é perfeitamente explicável: na base de sua epistemologia está o que ele chamava de atomismo lógico, fortemente oposto à dialética hegeliana e a toda forma de holismo, que parte do pressuposto de que um termo não pode ser conhecido independentemente de suas relações com outros termos.

Enquanto outras ciências, como a psicologia, há muito já adotaram uma posição holista (poderíamos citar como expoentes desta tendência, que partiu da psicologia da Gestalt, tantos nomes que nos limitamos a indicar Goldstein, Mallow e até mesmo Carl Rogers), a matemática oficial recusa-se a tais tentativas. O resultado é que, com restrições sobre restrições como a teoria dos tipos, a matemática contemporânea se assemelha à teoria ptolemaica do sistema solar bem antes da revolução copernicana: à medida que descobertas iam sendo feitas, sobrepunham-se epiciclos sobre epiciclos, numa construção fantasiosa que Copérnico de maneira tão simples derrubou. Precisar-se-á a matemática de uma revolução copernicana?

Se uma "dialeitização" da matemática não satisfaz, em parte, porque a dialética também é uma lógica rígida e fechada, é preciso criar uma nova lógica, lógica esta que não pode deixar de levar em conta que um dia a matemática nasceu da experiência sensível e tem que ser continuamente comparada com essa mesma experiência.



A poesia de Luiz Delgado

JOSÉ LUIZ DELGADO

Nitidamente pode a poesia de Luiz Delgado ser dividida em duas fases, estando o marco divisório no ano da morte de José Maria de Souza Delgado, nosso avô, seu pai — pai do corpo e do espírito: 1929.

Até essa data dedicara à poesia boa parte, talvez a maior parte, de sua atividade literária. Muito cedo, em torno dos quinze anos, começara a escrever versos — que depois diria terem sido de inspiração artificial, “infinitas mágoas de inventados amores”. A produção poética dessa fase — quando ele é o companheiro inseparável de um poeta hoje algo esquecido, José Mindelo, que muito o marcou e com quem debatia as teses do modernismo nascente — é imensa e não se contém apenas nos sete cadernos que restaram e que já eram uma seleção das poesias que compusera, mas também em jornais e revistas os mais diversos. Quase reuniu muitas dessas poesias em dois volumes com que sonhou — “O idílio suave” (para cuja capa recebeu até um desenho de Joaquim Cardoso) e “Poema da praia de verão” — e chegou até a dar uma audiência pública de seus versos no Gabinete Português de Leitura, levado por

um emigrado português, o humanista José Júlio Rodrigues.

A morte de nosso avô, em setembro de 1929, abriu seus olhos para o vazio dessas composições, que depois chamaria de “exercícios no ar”, nascidas que foram mais da fantasia do que da vida. Por outro lado, um acúmulo de atividades burocráticas decorrentes do crescente prestígio que fora merecendo junto à administração revolucionária de Carlos de Lima — tendia a afastá-lo das atividades literárias permanentes, salvo as requeridas pela militância religiosa (a Ação Católica, a Liga Eleitoral Católica, etc), com que buscava aproximar-se da pessoa de seu pai, um homem essencialmente religioso.

Resultado: a avalanche de versos da fase anterior cessou. Ou, ao menos, reduziu-se a uns raros momentos de inspiração, em que um lirismo passageiro o fazia voltar ao papel e rabiscar versos que não mais pensava em divulgar. Os poucos simos que vai publicar a partir daí sairão, muitas vezes, sob pseudônimos, a ponto de se desvanecer, na memória comum, a lembrança

de um Luiz Delgado poeta. No discurso com que o recebeu na Academia Pernambucana de Letras, Andrade Bezerra nem um único verso lhe atribuiu... E, pior: ainda explicou pelo fato de Papai não ser poeta divergências entre este e seu antecessor, Gervásio Fioravanti... Quando, em 1934, José Júlio Rodrigues voltou a Pernambuco e indagou a Alvaro Lins pelo poeta Luiz Delgado, o famoso crítico se assustou: “poeta Luiz Delgado? Nunca houve...” E Papai, com a habitual ironia que o ajudava a suportar as canseiras do mundo, depois completaria: “e nunca houve mesmo, não...”

Os versos da segunda fase serão muito mais pessoais, frutos de uma experiência humana que o tempo e a dor iam construindo dentro de um quadro religioso que se fizera, nele, conatural. De modo geral, eram também versos livres, desembaraçados das disciplinas anteriores, mas conservando o ritmo e a sonoridade que os exercícios formais, com que se entretivera antes, ajudaram a consolidar. Um poeta que, mais do que escrever, viveu um verso como aquele magoado e implacável “eu prendi o meu Pai entre as

frias paredes fatais”, que publicamos em “A túnica da Alma”, — não poderia voltar às composições líricas e imaginosas dos vinte anos. A esta segunda e derradeira fase pertencem os pequenos conjuntos da maturidade — “O Mundo Guardado”, “A via Sacra” (já publicados) e “Semana Santa em Olinda” (que está no prelo, na Editora Universitária), além de muitos outros poemas achados agora entre seus papéis.

Do volume realmente grande de poesias que encontramos, e que é tanto mais difícil de penetrar quanto diversas vezes aparece mais de uma versão do mesmo poema, denunciando um extremo cuidado formal e um incessante perfeccionismo, mas confundindo o pesquisador de agora, obrigado adicionalmente a identificar a derradeira versão — escolhi, para esta página, alguns exemplos das duas fases, que mostram a conciliação dos temas sentimentais com as disciplinas formais, na fase juvenil, e dos temas mais profundos com os versos livres, na fase madura, — sempre numa poesia límpida e clara, nascida simultaneamente do coração e da razão, capaz de ser entendida e partilhada por outros corações e outras razões. A sua poesia parece, no conjunto, uma linha ascendente para acabar realizando a finalidade mesma da existência do homem: louvar a Deus, louvando de todos os modos, pela vida e pelo pensamento. O catolicismo é o quadro geral da última fase, mas não um catolicismo livresco ou erudito ou intolérante, senão o catolicismo que ele viveu, como uma vida, a vida que foi a dele, um catolicismo feito de uma essencial referência a Deus de todas as coisas e da presença de Deus em todas as horas, e feito de uma compreensão humana e de uma tolerância, que não punha no papel senão porque antes vivera na vida — a tolerância que aparece, por exemplo, em “Tíbio amor” e que só era excedida pela Esperança ou pela Confiança, que talvez, no fundo, sejam a mesma coisa, — a Confiança que o fazia dizer “eu nada receio”, e dar os fundamentos desta tranquilidade, como no poema que também vai aqui publicado.

Louvação da carne

Louvo a carne que peca e que sofre, a carne que se abisma no pecado mas vem à tona com o sofrimento.

A carne heróica dos ferimentos nos campos de batalha e a humilhada carne das agonias monótonas nos leitos de hospital.

A carne que arranca de si mesma gritos que atravessam os ares e brandos gemidos que não atravessam uma parede.

A carne sem a qual não falaríamos nem choraríamos.

A carne dos nossos cansaços e de nossas façanhas.

A carne que se fecha no sono e se consola, para despertar no dia seguinte e saudar a aurora e recomeçar a luta.

Louvo a carne que contém o espírito e o conduz entre as maravilhas do universo e é, ela própria, uma maravilha entre as outras, — ágil, poderosa e nítida, captando os cheiros, os sons, as cores e as formas do mundo. Ela é humilde e generosa. Um dia, dá por terminada a sua tarefa devolve a Deus a alma que trouxe aos ombros e deita-se no chão, entrega-se à terra, dissolve-se em elementos que a tornam irreconhecível e fica muda, anônima, dispersa, aguardando com infinita paciência a ressurreição do último dia.

(maio, 1971).

Editora lança novos livros

Dentro do seu plano editorial, a Editora Universitária da UFPE lançou mais doze volumes, enriquecendo cada vez mais a bibliografia nacional, nos diversos campos do saber. Entre os autores publicados destacam-se nomes conhecidos internacionalmente, através da sua produção literária e científica, nas suas áreas de atuação, como é o caso da Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda.

As obras publicadas: Catálogo de Pesquisas (Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação); Estudo de Problemas Brasileiros (Coordenação do Prof. Joel Pontes);

Diálogo e Meditação do Vladante (Maria do Carmo Tavares de Miranda); Três Ensaios sobre Miguel de la Fuente (Coordenação do Padre Romeu Peréa); Os Franciscanos e a Formação do Brasil — 2.ª edição — (Maria do Carmo Tavares de Miranda); João Alfredo e a Questão Religiosa (Flávio Guerra); Faculdade de Direito do Recife (Odilon Nestor); O Tempo Mágico (Nilo Pereira); Aprender discutindo: o método LTD (Tradução de Paulo Gileno); Estudo de Cor na Zona da Mata Sul Pernambucana (Olimpio Bonald); O Ser da Matéria (Maria do Carmo Tavares de Miranda); O China Gordo (Andrade Lima Filho).

Paula e sua inspiração nos modelos pré-colombianos



Paula, simplesmente Paula, sem biografia, como ela quer, assim apresenta o seu trabalho de tapeçaria, inspirado nos pré-colombianos: “Fugindo da técnica tradicional (a tela), resolveu pesquisar outro tipo de textura que desse condições de trabalho, sem a limitação dos pontos contados, e que ultrapassasse o próprio desenho, onde o movimento assumisse importância maior no trabalho proposto. Assim, o desenho é acompanhado em todos os seus contornos, e o fundo do tapete, que antes servia apenas para preencher um espaço, passa a ser a extensão do desenho, pois figura e fundo se compõem. A tapeçaria é feita usando a trança do crochê trabalhada no feltro Linhas, barbantes, estopas e outros materiais servem de matéria-prima. O uso do tear é importante, não só como campo de pesquisa, mas também para dar uma dimensão maior e variações na textura. Assim, a tapeçaria é feita utilizando-se várias técnicas, desde que o movimento apareça como fator principal. Cores fortes e vivas compõem o trabalho artesanal”.

MOTIVOS

As calçadas portuguesas serviram como tema para os meus primeiros trabalhos. Posteriormente, o estudo de História me levou às civilizações pré-colombianas. Passei a trabalhar com desenhos incas, maias e aztecas. Uma viagem no Peru e Bolívia deu condições de aprofundar o trabalho de tapeçaria a que nessa altura me propunha.

O uso das cores vivas passa a ser uma preocupação constante, dando mais agressividade aos tapetes que então foram criados. “Uma necessidade de falar, de cantar nos tapetes, levou-me a desenhar, diz Paula, nascendo assim um trabalho mais abrangente. Passei a bordar, a tecer o quotidiano. A poesia passa a ser “a fonte” de inspiração”. E conclui:

“O exterior deu condições do aprendizado de novas técnicas, e o contato com trabalhos de tapeceiros e pintores possibilitou que outros elementos fossem incorporados ao meu trabalho”.

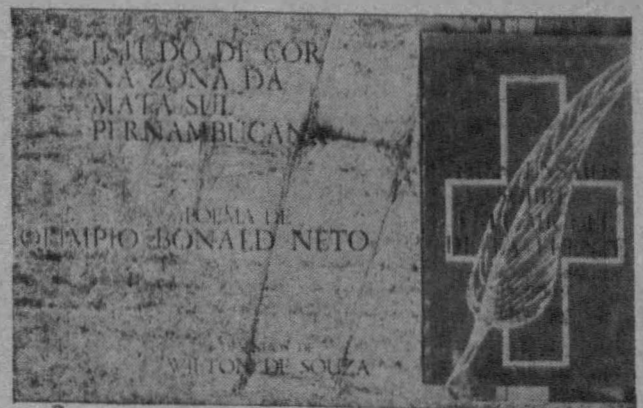
Olimpio & seu estudo de cor

Um dos mais expressivos representantes da geração de Audálio Alves, Mauro Mota e César Leal, Olimpio Bonald Neto, que enveredou artisticamente pelas mais diversas direções — sendo ao mesmo tempo que contista, ensaísta histórico, pintor e folclorista — é na poesia que parece concentrar grande parte de sua importância.

A prova desta assertiva está no seu *Estudo de Cor na Zona da Mata Sul Pernambucana*, em plaquete luxuosíssima, publicada pela Editora Universitária, com desenhos de Wilton de Souza.

A estrofe que apresentamos a seguir diz bem da mensagem do poema:

“A paisagem desce mole
(como desenho animado)
Pelas encostas dos morros
Qual filme desenrolado
Como fita, pela estrada,
Mal sugere a solidão,
Entre as ondas implantadas
Deste mar de servidão”.



Inaldo Cavalcanti e a poesia filosófica

Com apenas 20 anos, e cursando o primeiro ano de Filosofia, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, Inaldo Cavalcanti estréia neste suplemento como um dos mais curiosos poetas da mais nova geração.

Fazendo da poesia não só uma indagação sobre a linguagem, mas sobre o sentido metafísico que possa clarificá-la, Inaldo Cavalcanti, adotando um estilo sincopado e elíptico, revestindo o verso de uma secura a que não falta um certo estremeamento, mesclado de entrega e recusa, — promete realizar muito, precisamente porque ainda muito jovem, nos domínios da poesia dita filosófica.

Canto para Elizabeth

Amar o quanto sai de mim buscando completar-se no quando de uma forma irmã que me alimente, havendo o rasgo em ti, forma perdida, a dor impõe?

Amar-te em tudo aquilo que te aureola, incontroladamente um dar-se múltiplo, pois que não há integração total, preterido meu ser mesmo, no gesto?

Amar-me, porque sendo objeto de teu amor, amor em mim construído, eu, faca injusta, alegria inocente, te distancio, te parto, te elido?

Amar, no gesto único, o que se evolui do ser para o ser, o ser que ama, o ser amado, espiralando a intensidade até o momento da plenitude?

Amor, onde encontrar tal unidade na dura carência que somos? Qual parcela de nós não comporta sombras bordando incertezas para os momentos?

E amor, teu existir apreender pode a oculta intimidade revestindo a verdadeira natureza das coisas? Este sinal marcar-me podes?

Não, amor, não consigo perceber-te o jogo que me corta, risca o intento de conhecer mentando, sentindo isto em que sou, amo, perco, fujo, e tento.

07. 04. 1976



Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO

O personagem épico recebe a sua justificação existencial, não de um eu centrado sobre si mesmo, mas precisamente de sua missão heróica, missão que não somente o faz transformar-se mas através da qual vê também o mundo transformado. O herói é alterado e altera, ao redor dele, o mundo sob a ótica que ele instaura a partir dessa visão. E esse caráter transformador e transfigurador do personagem correlaciona-se também com o caráter de uma arte que aspira pairar acima dos subjetivismos e dos objetivismos ou da pura submissão a um eu amesquinhado, ou à realidade por ele amesquinhada, para ser uma arte, na concepção de Joyce, “acima do desejo e da repulsa” e, portanto, objetiva, arquetípica, clássica e universal.

A definição de Joyce, em “O Retrato do Artista quando Jovem”, através de Stephen Dedalus, que designa “a forma épica, como a forma na qual o artista manifesta a sua imagem em imediata relação consigo mesmo e com os outros”, me parece a mais indicada para caracterizar o épico diante do lírico o qual, girando geralmente em torno do eu, esvaziou-se modernamente de qualquer sentido metafísico para ficar apenas numa análise de emoções primárias ou numa vacuidade que não leva em conta nem sequer a legitimidade delas.

O épico, representando a relação do artista não somente consigo mesmo, mas com os outros, restaura os antigos privilégios do Homem como matéria de canto, e não apenas os do eu individual no seu narcisismo e no seu nada, além de apontar para uma era em que o humano volta a ser identificado não apenas com o existencial mas com o sagrado e o cósmico. Essa recolocação do Homem representa também uma recolocação da Vida nos seus verdadeiros fundamentos, além de constituir-se numa aliança com o passado humano, através do presente, para devolver o homem ao seu verdadeiro futuro.

Parece hoje difícil compreender-se porque o lírico chegou o tal grau de esvaziamento, a ponto de não passar, em alguns casos, de obra do capricho e do vazio, se não levarmos em conta que esse não foi o sentido que ele encontrou entre os gregos, nem em todo o Ocidente, mesmo com o colidir da revolução romântica empreendida pelo liberalismo no século XVIII. Mas a questão se fará mais clara com o esclarecimento de Werner Jaeger, na Paidéia, que nos ajudará a compreender porque o cristianismo passasse por cima, no seu afã evangelizador dos primeiros séculos, sobre os aspectos que demarcavam não somente uma estética, mas toda uma ética, ambas entrelaçadas na realidade una e íntegra da obra poética. O cristianismo, considerando primordial a ética fundada na Revelação, não teve a compreensão necessária pelos conteúdos, que achava errôneos, nas obras deixadas pelos pagãos, para centrar-se, exclusivamente, sobre os aspectos formais, daí surgindo o equívoco, sustentado por tantas escolas e movimentos literários, de que a arte tinha como missão o deleite e não a formação do homem, tarefa que, aliás, lhe coube, tanto quanto à Religião, à Ciência e à Filosofia. A ética não era, entretanto, na antiga arte separada da estética nem a beleza da verdade. A Arte detinha sua esfera de objetividade, mas essa esfera não entrava em discordância com as outras esferas: pelo contrário, o poeta, anterior à imagem que dele fez o Romantismo e outras estéticas posteriores, era responsável, tanto quanto os filósofos, os estadistas e legisladores, pelo destino da Polis e do cidadão sob a cosmovisão que herdamos dos gregos, e que continuada após pela cosmovisão helenístico-romano, se disseminou por todo o Ocidente até antes do Romantismo.

Mikel Dufrenne declara no capítulo final do seu livro “O Poético” esta coisa lamentável: “O aparecer está na es-

cala humana: o Vale do Loire é mais poético do que o Grande Canyon, o canto do pássaro mais poético que o bramido do trovão, o bosque mais poético do que a floresta virgem”. E confundindo o poético com o lírico ou, mais limitadamente, com o romântico, Mikel Dufrenne confessa alguns passos adiante que longe dos jardins onde as crianças passeiam e os namorados se beijam, longe das tavernas ou até mesmo do creme matinal, longe dos olhares confiantes, a poesia não pode estar presente. Pois, segundo ele, essa “afasta-se quando se inserem no mundo relações menos familiares, mais violentas, quando o aparecer nos desconcerta, nos ameaça, ou nos exalta perigosamente, quando em nós a ternura não tem emprego porque não mais responde à ternura das coisas”. Mas tal colocação, além de cindir a realidade em somente um dos seus aspectos, e um dos menores, mascara o conflito, a violência e a oposição, realmente existentes na vida, além de entrar em desacordo com o sentido antes de videntação que de fruição da realidade que caracteriza e define exatamente o caráter estético da arte. Principalmente porque o próprio Dufrenne, em outros textos anteriores do livro, admite implicitamente uma missão para o poeta, missão que se ele conhecesse só o lado lírico da vida não poderia jamais conceber: “Cabe ao poeta esperar de algum modo, com todo ser totalmente presente, para atualizar o presente que lhe é dado, para ouvir a voz que o convoca. Ser Inspirado é receber por haver esperado. (...) O que não se nos assemelha nem nos fala, nós o perceberemos à flor da pele, nós o enunciaremos com a ponta dos lábios. Só recebemos verdadeiramente o que nos é dado, e só nos é dado o que do fundo de nós mesmos estamos preparados para receber: nós somos essa preparação”.

Por outro lado, a Arte pode significar só uma fruição ou um discorrer sobre o sensível, mas antes o estabelecimento de uma nova ordem, às vezes superior à ordem de onde emergiu: daí a ligação da Arte não só com uma estética porém com uma ética, porque a Arte perderia seu telos sem o ethos que confere a cada coisa o seu bem específico. Falando sobre a ação educativa ou pedagógica da poesia entre os gregos, principalmente através de Homero, diz-nos Werner Jaeger na Paidéia: “Impõem-se algumas observações sobre a ação educadora da poesia grega em geral e a de Homero, em particular. A poesia só pode exercer tal ação se fizer falar todas as forças éticas e estéticas do homem. Porém a relação entre aspectos éticos não consiste só em o ético nos ser dado como “matéria” acidental, mas sim em o conteúdo normativo e a forma artística da obra de arte estarem em ação recíproca e terem até na sua parte mais íntima uma raiz comum. Mostraremos como o estilo, a composição, a forma, no sentido de sua específica qualidade de estética, se encontram condicionados e inspirados pela figura espiritual que encarnam. Não é possível, sem dúvida, fazer desta concepção uma lei estética geral. Existe e existiu sempre uma arte que prescinde dos problemas centrais do homem e tem de ser compreendida apenas pela sua idéia formal. Mais: existe uma arte que troca dos chamados assuntos elevados ou fica indiferente perante o conteúdo do seu objeto. É claro que essa frivolidade artística deliberada tem por sua vez efeitos éticos, pois desmascara sem qualquer consideração os valores falsos e convencionais, e atua como uma crítica purificadora. Mas só pode ser propriamente educativa uma poesia cujas raízes mergulhem nas camadas mais profundas do ser humano e na qual viva um ethos, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar numa obrigação e num dever. A poesia fragmento qualquer da realidade; ela dá-nos um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado”.

Terêza publica mais um livro até o fim do ano

Integrante da Geração-65, Tereza Tenório de Albuquerque publicou o seu primeiro livro de poemas — Parábola — em 1970. O convênio Quiron/SEC (Edições Quiron e Secretaria de Educação e Cultura do Município) lançará este ano o seu segundo livro: O Círculo e a Pirâmide. Suas primeiras publicações foram feitas, através do Jornal “Diário de Pernambuco”, pelo poeta e crítico literário, Prof. César Leal, que a considerou “um dos valores mais altos da novíssima poesia pernambucana”.

Em uma época como a nossa, onde até o novo é insípido e mesmo os automóveis — como diria Apollinaire — são antigos, “sua poesia — segundo César Leal — se caracteriza por uma fuga ao lugar comum, aos velhos processos expressivos, revela uma consciência formal acentuada, que vem situá-la no âmbito da melhor poesia escrita recentemente em nossa literatura”.

Vale ainda considerar que a sua poética pertence a um lirismo novo, que não se confunde com o lirismo-romântico ou bem comportado, funcionário público, com livro de ponto e expediente, de que nos fala Bandeira. Sua linguagem e mais para fora (ou mais para dentro dos objetos) do que para dentro de si mesma.



Alegorialquímica

Os dias eram imensos coloridos de enigmas do sono. Meu amor esculpira uma imagem sobre a rocha e teu rosto surgia-me dos livros.

Eras sombra seguindo-me no mar em meio aos argonautas Trimegistos. Às vezes eras voz erguida forte fazendo coro às vozes dos fantasmas.

Entrelaçado aos gênios da floresta sobre os sagrados troncos milenares, os olhos cintilavam na resina e o teu rosto de árvore era sangue.

Quando a noite crescia além dos fólhos impregnados de ti, mandala extinta, eu te arrancava de dentro de mim para as rotas estranhas da alquimia.

— Antes que a noite dissolvesse a noite e as tuas mãos das minhas se apartassem.

TEREZA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE
Maio, 1976

Escritor mantém afirmativa: Medicina não cura, mata

A Medicina é inútil. Entre 1965/1975, uma década portanto, ela fez adoecer muito mais do que curou, tornando-se a mais perdulária, poluidora e patogênica das indústrias. Ao pretender salvar a humanidade, estudando caso por caso, consultando indivíduo por indivíduo, ela só faz ocultar as causas profundas da maioria das doenças que são sociais, econômicas e culturais. Em análise, os indivíduos seriam apenas pobres vítimas das consequências desastrosas, tanto para o corpo quanto para o psiquismo, de uma inadequada maneira de viver. E a medicina, ajudando-os a suportar aquilo que os destrói, contribui, em suma, para esta destruição.

Estas são as teses do último livro do sociólogo Ivan Illich, austríaco naturalizado americano. A obra vem causando muito mais repercussão do que as suas anteriores. Célebre por suas idéias excêntricas — uma delas baseada na noção de que uma sociedade sem escolas resultaria em complexos sociais mais humanos e civilizados do que os existentes —, em seu novo li-

vro, **NÊMESIS MÉDICA** (nêmesis, do grego, significa morte por punição), Illich investe contra as razões pelas quais a Medicina não consegue impedir a morte de pessoas que nela depositam uma ilimitada confiança.

Sem dúvida alguma, de todos os instrumentos capazes de estabelecer nossa normalização social, ou seja, nossa relação

profunda com o funcionamento do corpo, com os caminhos da vida e da morte, a Medicina é aquela a que tributamos as maiores e mais sentidas homenagens. Illich quer saber se tais homenagens são realmente justas, e, assim, pronuncia o veredicto que, agradando ou não, soa como uma verdadeira bomba nos meios universitários, científicos e culturais do Ocidente

Não é justamente à Medicina que costumamos atribuir a rápida elevação da média de vida — 20 anos no tempo de Cristo, 29 em 1750, 45 em 1900 e 70 nos dias de hoje? E por acaso não atribuímos a Pasteur e a Koch, às vacinas, à quimioterapia e aos antibióticos a regressão das doenças infecciosas e a progressão da longevidade? E porventura não estamos de acordo com a evidência de que o estado de saúde de um povo depende do número de médicos e de leitos de hospital de que dispõe, da quantidade de cuidados e de remédios que consome? Sim, mas Illich pensa de maneira diferente. Para ele, a eficácia de cura da medicina é e sempre foi reduzida, e conclui que já é hora de considerá-la em suas devidas proporções.

De fato, a medicina conseguiu tratar da quase totalidade das doenças infecciosas, de algumas deficiências endócrinas, como a mixedema, certos descontroles metabólicos como a diabetes. Mas, em seu conjunto, ela está muito atrasada, pois é impotente para curar as grande doenças crônicas degenerativas que hoje, muito mais do que as infecções, são as principais causas de morte prematura. E, observando-se bem, não é verdade que ela tenha desempenhado o papel decisivo na regressão das doenças infecciosas, cujo mérito lhe é correntemente atribuído.

Estudos demonstram

Um estudo de autoria dos Drs. Warren Winkelstein e Fern French, datado de 1974, é citado por Illich como prova de que a regressão da tuberculose não se deve à medicina. O estudo mostra que na América, assim como na Europa, a tuberculose matava 700 pessoas em 100 mil habitantes por ano, no começo do século passado. Em 1882, ano em que Koch descobriu seu bacilo, a tuberculose já regredira em 50 por cento. Em 1910, quando foram criados os primeiros sanatórios, a tuberculose regredira em 75 por cento. E, em seguida, nem a técnica do pneumotórax, introduzida em 1930, nem a quimioterapia, adotada depois de 1945, nem os antibióticos, aplicados com êxito por volta de 1950, tiveram efeitos sensíveis na regressão do mal.

A mesma espécie de demonstração pode ser feita em relação a outros grande flagelos, como por exemplo a cólera e o tifo. A tifoide e a cólera já haviam desaparecido da Europa antes que o bacilo e o vírus que as provocam fossem isolados.

O Dr. R. R. Porter também demonstrou que a mortalidade por difteria, coqueluche e rubéola já havia diminuído em 90 por cento, na época em que a vacinação obrigatória e os antibióticos foram introduzidos na Inglaterra.

As conclusões de Cassel

Desta maneira, as doenças infecciosas regrediram independentemente das armas que a medicina aperfeiçoou e dirigiu contra elas, sendo substituídas por outras doenças epidêmicas contra as quais a medicina não conta com muitas possibilidades de vitória. John Cassel, professor de epidemiologia na Universidade da Carolina do Norte, EUA, afirma que a industrialização, em seus inícios, foi acompanhada pelo rápido desenvolvimento da tuberculose atingia seu ponto culminante, para sofrer, em seguida, um declínio regular, sem que para isso tenha contribuído qualquer tratamento médico. Posteriormente, esta doença foi substituída

por manifestações de subnutrição, como o raquitismo (na Inglaterra) e a pelagra (nos Estados Unidos). Também estas doenças declinaram (as razões não são conhecidas), e foram logo substituídas por doenças infantis. Declinando com significativa rapidez, as doenças infantis deram lugar a uma espantosa progressão das úlceras do duodeno, principalmente em homens jovens. E, por fim, à regressão desta infecção (por motivos também desconhecidos) logo sucederam as epidemias modernas: doenças cardiovasculares, hipertensão, câncer, artrite, problemas psíquicos.

Higiene & saúde

Assim, as doenças aparecem e desaparecem em função de fatores intimamente ligados ao meio, à alimentação, ao habitat, à higiene. Para Illich, portanto, o desaparecimento da cólera e da tifoide, o quase desaparecimento da tuberculose, da malária, da febre puerperal, devem-se sobretudo ao tratamento da água potável, à generalização dos esgotos, às melhores condições de trabalhos, de habitação e de alimentação, à secagem de pântanos, ao emprego de sabão, tesouras e de algodão esterilizados pelas parteiras e parteiros — e não aos progressos da terapia. Inegavelmente, os médicos contribuíram bastante para o desenvolvimento e aperfeiçoamento destas práticas preventivas; mas somente no momento em que a higiene e a assepsia deixaram de ser técnicas médicas, transformando-se em hábitos de todo o mundo, é que elas atingiram um grau de total eficácia. A higiene como responsável pela saúde, e não a medicina, é exatamente o que afirmam Illich, Cassel e outros especialistas.

Charles Stewart, professor americano, afirma que mesmo nos países subdesenvolvidos a melhoria do estado de saúde foi obtida graças ao melhoramento da higiene pública.

Doenças impostas

Por que, então, os países industrializados destinam tão fantásticas, verbas para os problemas ligados à saúde, se a medicina não corresponde aos seus reais objetivos? A resposta seria a seguinte: mais de três quartos das despesas de saúde nos países ricos não visam a cura das doenças, mas sim o tratamento de uma saúde que se acredita ou teme que esteja ameaçada. Sugerindo às pessoas que estão sujeitas a contrair uma doença, da qual poderiam se proteger através de tratamentos preventivos e cuidados incessantes, a medicina só faz contribuir desastrosamente para o aparecimento de doentes. A medicina fabrica “seus” doentes, que de forma alguma são imaginários.

São de duas espécies as doenças habitualmente provocadas pela medicina. Existem aquelas devidas às intervenções materiais dos médicos, como intoxicações, infecções, mutilações, ferimentos, etc., e aquelas que os médicos provocam e mantêm, aconselhando as pessoas a adotar um comportamento de doente, com ansiedade, auto-observação, dependência medo de dispendêr energias. Nos Estados Unidos, onde existe uma literatura impressionante sobre estas doenças e neuroses, elas são consideradas “iatrogênicas”. Illich acrescenta a esta última uma terceira dimensão, “a iatrogênese estrutural ou existencial”, que ele explica da seguinte maneira: “a in-

vasão médico-farmacêutica, a medicalização da saúde, da doença, da gravidez, do nascimento, da sexualidade e da morte, acabaram por destruir os últimos fundamentos da saúde das pessoas”.

E vai mais adiante: “Os efeitos patogênicos da medicina são, dentre todas as epidemias, uma das que se propagam mais depressa. As doenças provocadas pelos médicos constituem uma causa de agravamento da mortalidade mais importante do que se os acidentes de trânsito ou as atividades relacionadas com a guerra”. E pesquisas realizadas nos Estados Unidos comprovam por completo a aparentemente exagerada afirmação de Illich.

Remédios também matam

J. T. Lamba e R. Huntley fizeram em 1965 o seguinte balanço: 20 por cento dos pacientes admitidos em seus hospitais para fazer algum tratamento ou exame foram vítimas de sintomas incidentes. Havia, em média, um incidente para 41 dias-pacientes, um incidente grave em 49 dias-pacientes, e 27 por cento dos exames ou tratamentos eram realizados em consequência de incidentes; mas 28 por cento destes exames ou tratamentos eram atribuídos a acidentes ou erros na aplicação de medicamentos e 45 por cento devidos à não tolerância de determinadas drogas.

Inicialmente, a pesquisa foi contestada. Mas os Institutos Nacionais de Saúde organizaram uma pesquisa nacional, alguns anos depois, e seu resultado foi mais desalentador ainda. Senão vejamos: de 32 milhões de pessoas que passaram, em 1970, pelos hospitais americanos, mais de 10 por cento tiveram que ficar retidos por um período de tempo muito maior que o previsto, devido à não tolerância aos medicamentos que receberam. E mais: quase 2 milhões de pessoas foram hospitalizadas por causa de distúrbios provocados pelos remédios prescritos pelos médicos.

E os testemunhos não param de crescer. Por volta de 1972, um farmacêutico, Marc Laventurier, e um médico, Robert Talley, fizeram uma estimativa e deduziram que, pelos menos 30 mil pessoas morrem anualmente nos hospitais dos Estados Unidos devido à ingestão de determinados remédios. Esta estimativa foi também contestada. A associação dos farmacêuticos e a dos médicos fizeram uma pesquisa que, segundo os próprios pesquisadores, implicaria em resultados completamente opostos àqueles obtidos por Laventurier e Talley. Tomando como campo de investigação o hospital universitário da Flórida, os investigadores depararam com quadro realmente constrangedor: neste hospital, um paciente em 555 morre anualmente devido à aplicação de remédios. Em suma, nos próprios hospitais, os próprios remédios matam entre 60 mil e 140 mil americanos por ano (segundo o New York Times, maio de 1974) e provocam doenças mais ou menos graves em mais de 3 milhões de pessoa.

População doentia

Surpreendidos com uma tão avassaladora carga de dados negativos, os estudiosos tendem a acreditar que são necessários hospitais mais modernos, mais médicos e assistentes médicos de melhor formação, e também maiores créditos. Mas Illich pensa de maneira diferente. Ele afirma que a medicina é atualmente uma indústria hipertrofiada. “Suas fábricas, suas buro-

cracias, seus patrões, engenheiros e contra-mestres se apoderaram de tudo que diz respeito à saúde e à doença, expropriando tanto uma, quanto outra dos indivíduos”.

Fazendo com que todos dependam dela, a medicina — fundamentalmente patogênica — produziu uma população fundamentalmente doentia. E, ao nível de atacarem as causas profundas das enfermidades, os profissionais da saúde limitam-se a enumerar e a perseguir seus sintomas, oferecendo às pessoas os meios de atenuar seu mal-estar, de mascarar seu sofrimento, de livrá-las de suas angústias, de preservá-las do pior.

Menos médicos, mais saúde

Diz Illich: “Hoje em dia não desaparecemos mais devido à morte, mas sim devido a uma doença da qual poderíamos nos ter salvo; não nos curamos mais quando estamos doentes, mas somos curados”.

Quando da célebre greve dos hospitais israelenses (e que teve a duração de um mês), verificou-se que a taxa de mortalidade da população foi mais baixa do que nunca. Somente os casos de urgências eram aceitos, o que fez baixar em 85 por cento o número habitual de admissões nos hospitais. Esta mesma queda foi registrada na época da greve dos hospitais novaiorquinos, sendo ambos os casos amplamente comentados pela imprensa.

Inútil prevenção

Contudo, a medicina preventiva reduz substancialmente os riscos de doenças. Mas para que prevenir doenças que a medicina não sabe nem tratar, nem curar? Qual o sentido de prevenir o câncer do pulmão, por exemplo, quando 95 por cento dos doentes operados depois de um diagnóstico precoce morrem em cinco anos, fazendo assim com que o principal efeito do diagnóstico e da operação seja o de estragar o breve tempo que o paciente dispunha para viver “normalmente”?

A tais conclusões chegou o americano Gordon Siegel, logo apoiado por outros especialistas, entre os quais o Dr. Frank Turnbull, do Instituto de Cancerologia da Universidade de Columbia, EUA.

Em relação a outros tipos de câncer que levam à morte às vezes indolor, afirma Turnbull que “o tratamento cirúrgico ou radiológico, quando consegue curar a afecção primária, permite o desenvolvimento de um câncer secundário que é, muitas vezes, doloroso... O preço da cura é muitas vezes maior do que nós admitimos”.

Retórica no México?

Illich vive hoje no México, onde mantém o Centro Intercultural de Documentação (CIDOC), realiza pesquisas e escreve os livros que vêm causando a maior celeuma nos meios científicos e intelectuais: “O indivíduo que aprendia vendo e fazendo, que se deslocava através de seus próprios meios; que dava à luz e educava seus filhos; que curava e cuidava de sua saúde e da dos outros, foi substituído pelo indivíduo veiculado por transportes motorizados, parindo numa sala de hospitais, educado pela escola, tratado pelos profissionais da saúde”.

Mera retórica? Se é, convenhamos que manipula um tipo de retórica bastante poderoso, pois não é pequeno o número de estudiosos realmente preocupados com as afirmações do ex-padre e agora pensador social Ivan Illich.

Marques mostra superficialidade de Ivan Illich

O professor Rui João Marques, titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, é uma das maiores autoridades brasileiras no campo da Medicina Tropical. Para o professor Marques, que já participou de vários congressos médicos no Exterior, o pensador austríaco foi muito superficial em suas observações.

As idéias expostas por Ivan Illich são muito interessantes. Fazem, de fato, pensar. E sobretudo, como todo sofisma, divertem muitíssimo.

Que há drogas, operações e médicos causadores de doenças, isso sempre houve e haverá. Quem não conhece as chamadas doenças iatrogênicas (a expressão, apesar de consagrada, não é correta)? Os médicos estão conscientes da sua existência. Mais de um Congresso para tratar das mesmas já se tem reunido. Acho que as Sociedades de Medicina e os Conselhos de Ética devem levar ainda mais a sério o problema.

A generalização, o tom de escândalo que o "pensador" de Cuernavaca quer dar ao fato, é que são detestáveis. Ele ignora ou faz que ignora, aliás, a tendência dos nossos dias para uma Medicina muito mais preventiva do que curativa, como esquece ou não conhece os efeitos fabulosos das vacinações anti-variolicas, anti-tetânicas, contra o sarampo, etc., que vêm salvando milhares de seres humanos.

O autor do livro "Nêmesis médica" gosta de causar impactos. Isto é que dá lucro. O grande público paga para se deixar enganar ou para rir. Daí por que os escândalos que Illich pretende revelar, através das suas produções, fazem tanto sucesso financeiro...



Medicina é tão velha quanto as enfermidades

A medicina é tão velha quanto as próprias enfermidades físicas. Inicialmente ligada a fórmulas mágicas, orações, encantamentos e feitiçarias, não se sabe como, quando e onde começou, quais os métodos utilizados para curar os doentes e que espécie de reputação desfrutavam os médicos. É provável que, acertando no diagnóstico, usufruíssem de uma merecida notoriedade, mas, em caso contrário, sua sorte deve ter sido bem diferente.

A medicina egípcia é a mais antiga de que temos notícia. Introduzida ali pelo deus Toth, uma espécie de Hermes egípcio, a medicina daquele povo somente curava quando os seus desejos estavam perfeitamente de acordo com as intenções dos seus deuses. Assim, eram frequentes as preces dirigidas a Isis, Horus e Set, entidades divinas do Olimpo egípcio, aos quais eram atribuídas tanto a saúde como a doença.

Ao abrir os cadáveres para embalsamá-los, os antigos egípcios fizeram brotar os primeiros progressos médicos, possibilitando os primeiros estudos de Anatomia, ao mesmo tempo em que faziam surgir rudimentos de Fisiologia e de Ciências Médicas. Para se ter uma idéia da crescente eficiência da medicina dos egípcios, o persa Ciro levou um dos seus oculistas à Pérsia.

Os egípcios foram, ainda, os primeiros a criar escolas de medicina. Séculos mais tarde, os gregos procederiam a uma seleção e racionalização dos conhecimentos egípcios. E, por incrível que possa parecer, tais conhecimentos foram propagados e adotados pelo Ocidente, até o século XII.

Contudo, há pouca ou nenhuma relação entre a medicina do vale do Nilo e a costumeiramente praticada em nossos dias. Por mais que os egípcios tenham feito em termos de arte médica, seus conhecimentos não passam de artimanhas primárias, legêntas até, quando comparadas aos formidáveis impulsos tomados pela ciência médica do nosso tempo.

Alcides reconhece que a advertência gera contribuição

Alcides Ferreira Lima, professor-adjunto do Departamento de Medicina Clínica da Universidade Federal de Pernambuco, já foi Secretário de Saúde de Pernambuco na gestão de Nilo Coelho. Para ele, as suposições técnicas do controverso Ivan Illich encerram uma grave advertência: o ensino da Medicina deve buscar, antes de tudo, a concretização dos reais objetivos a que se propõe o médico. Eis a maior contribuição do autor de "Nêmesis Médica".

Os progressos da medicina nos últimos dez anos foram tão notáveis que numerosos problemas pendentes foram resolvidos. Basta citar no campo da imunologia cujos estudos abriram amplas perspectivas no sentido de vencer graves doenças, como o câncer e outras doenças de maior interesse clínico.

Em que pese as afirmações contraditórias do ilustre escritor, narrando fatos negativos da Medicina, todavia, temos de aceitar nas limitações humanas do trabalho médico, científico, o êxito vencendo doenças até então incuráveis.

A imensa revolução eletrônica alcançou a Medicina e dotou-a de inesperados acontecimentos, inundando de luz as ciências biológicas e até mesmo ameaçando altíssimos milênios.

Hospitais, laboratórios, etc., tiveram oportunidades de se prover de poderosos elementos de esclarecimentos. Os mais delicados e íntimos dos órgãos têm sido desvendados pelos recursos da bioquímica. E a boa verdade, nenhum distrito do organismo humano escapou aos poderosos prodígios da indagação armada.

Tudo é maravilhoso, devendo ser respeitados os limites humanos de uma profissão que não pode se materializar. O livro do escritor-sociólogo, Ivan Illich, em que pese seu pessimismo, encerra contudo uma grave advertência: o ensino da Medicina deve oferecer ao estudante o real espírito do trabalho profissional, tendo presente a verdade sócio-econômica e sanitária.

Deve ter presente ao exercício da nobre profissão da arte de curar a lição de Pitágoras — o erro da Medicina era pretender tratar separadamente corpo e espírito. A fragmentação das especialidades que retinha o corpo e o separa do espírito, será sempre um descompasso com a prática profissional.

Acreditamos na Medicina preventiva e curativa, desde que bem utilizada e honestamente orientada e sobrevive a Medicina do diálogo da mútua confiança.

Nem disse Jung que o médico é o vilão medicamento do nosso arsenal terapêutico.

Contestador mostra pouca originalidade

Luís de Carvalho Júnior, que obteve um Mestrado por universidade escocesa, ensina e pesquisa no Departamento de Bioquímica da Faculdade de Medicina da UFPE. O jovem professor alega que há pouca originalidade nas teses expostas por Illich, mas reconhece que o simples fato de se colocar em dúvida os méritos da Medicina, contestando-lhe alguns dos seus princípios, dá margem a que sejam efetuadas reformas altamente salutares.



Embora não tenha lido "Nêmesis Médica", de Ivan Illich no original, apenas um artigo de Michel Bosquet inspirado neste trabalho, pareceu-me que o primeiro autor deu uma nova indumentária a antigas críticas sobre certas tendências da Medicina. Todavia, não se pode arguir da validade de uma instituição apenas sob o fundamento de que ela tem apresentado alguns desvirtuamentos dos seus princípios básicos, quando uma reforma, dentro desta instituição, poderia conduzi-la aos seus rumos iniciais.

Michel Bosquet, influenciado pelas idéias do Dr. Illich, reúne uma diversidade de dados estatísticos, susceptíveis a críticas, para demonstrar que os méritos atribuídos à Medicina, no combate às infecções não lhe pertencem e que estas batalhas foram essencialmente conquistadas fora de sua área. Além do mais, advoga a idéia de que o maior índice de média de vida, ora vigente, não tem nenhuma conexão com os cursos da Medicina.

Concordo com o autor que as doenças aparecem e desaparecem em função de fatores que dizem respeito ao meio, à alimentação etc, porém, parece-me razoável reconhecer a participação da Medicina na determinação destes fatores. O próprio autor admite isto quando responsabiliza a Medicina pelo aparecimento de "novas doenças". Admitir que ela só tem contribuído para o aparecimento de doenças, soa-me como afirmativa extremista.

Por outro lado, destilar as conquistas da higiene com o desenvolvimento dos conhecimentos da Medicina não me parece coerente.

Há, contudo, um acerto nesta linha de trabalho, qual seja, em se colocando os benefícios da Medicina em dúvida, motiva aqueles envolvidos no exercício da Medicina a analisar seus métodos, criando meios para a reforma de que falamos acima.

folclore:

ANGELA DELOUCHE

Divisão da Antropologia Cultural que estuda aqueles aspectos da cultura de qualquer povo, que dizem respeito à Literatura Tradicional: Mitos, Cantos, Fábulas, Adivinhas, Música e Poesia, Provérbios, Sabedoria Tradicional e Anônima.

Artur RAMOS

IARA

E Câmara Cascudo quem nos informa, citando versos de Olavo Bilac: "num borbulhar de argênteos flocos, Yara/ de cabelos de ouro e corpo frio..." que a palavra Iara é um vocábulo com excelente folha de serviços, com a significação de sereia, ondina, mãe d'água e não é do idioma tupi, pois nessa língua, IARA quer dizer dona ou dona — os nomes tupis são invariáveis — e, por extensão, senhor ou senhora.

No nheengatu amazônico diz-se OCA IARA, isto é, dona de casa. Esclarece Cascudo: "Nunca, jamais, em tempo algum exprimeu mãe d'água no plano da sereia, recebida de Porugai, prima dona enganadeira e sádica".

Pelo exposto, Iara, sinônimo de sereia, é invenção, para ficção, vocábulo de uso literário, apenas.

CABOCLINHOS

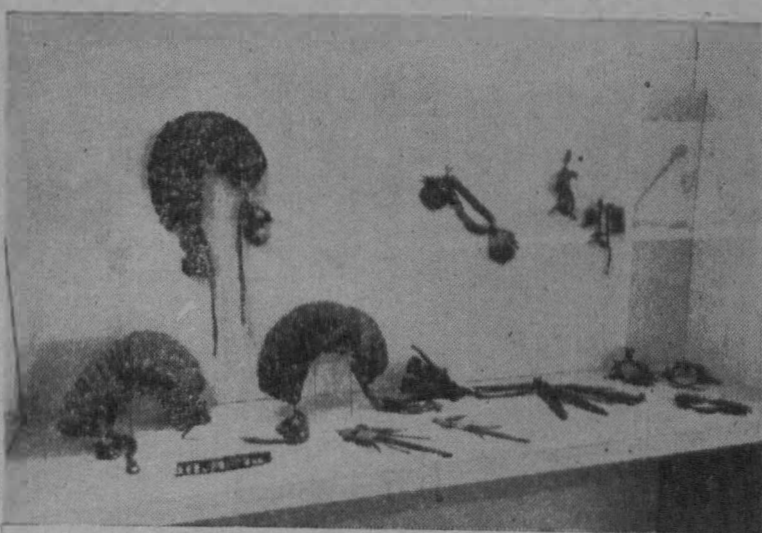
Caboclinhos (vulgarmente Cabocolinhos) é um folguedo popular de inspiração indígena. De tanga e cocar ricamente adornados de penas coloridas, vidrilhos e outros ornatos, os caboclinhos desfilam em fila dupla pelo Carnaval, dentro do contexto da sua "tribo". O ritmo das danças é marcado pelo arco e flecha de que cada integrante está munido, mais tambores, pifanos e ganzás. Ao som desta "orquestra" desenvolvem uma

saltitante coreografia, quando representam caçadas, colheitas ou vitórias.

Entre as tribos que dão colorido e uma nota diferente ao nosso Carnaval, citamos: Tabalares, Canicóia, Tapeaguases, Tupis, Caetés, Tupinambás, entre muitas outras.

O folclore amazônico também tem folguedos inspirados nos rituais festivos dos indígenas de que a região é tão rica.

Índio, Tema de Sempre



Em 1940 realizava-se em Patzcuaro, México, o 1.º Congresso Indigenista Internacional, sendo representante do Brasil o Prof. Edgar Roquette Pinto.

Os congressistas decidiram que os índios fossem também convidados. Estes, porém, recusaram-se a comparecer. Depois, irritados do desenvolvimento dos trabalhos, da nobreza de propósito e da lealdade dos congressistas, resolveram-se a comparecer. Era o dia 19 de abril.

Foi então que, em homenagem a esse expressivo acontecimento, deliberaram os congressistas dedicar aquela data à comemoração anual do dia do índio em todo o continente americano.

A origem do índio

É ponto pacífico, entre antropólogos, que o índio da América é paleomongolóide, ou seja, originário de antigas populações mongolóides.

A idéia de autotônismo está

abandonada. Uma hipótese mais ou menos aceita é a da penetração nos continentes americanos pelo extremo noroeste, atravessando o estreito de Bering, penetração que deve ter ocorrido em sucessivas levas e em épocas diversas.

Com base no Carbono 14, a data de ocupação mais antiga, em território brasileiro (homem do sambaqui) é de cerca de 14.000 anos.

Os troncos lingüísticos

Há quatro troncos lingüísticos (as línguas faladas pelos nossos indígenas: Tupi, Arawak, Karib e Maori), além de outros menores, como Fano e Kikandá e de tribos cuja língua não se fala e nem mesmo o tronco lingüístico já conhecido.

Língua escrita nossos índios não têm, entretanto, há caracteres geográficos inscritos em diversos pontos da geografia brasileira. Símbolos que até hoje não foram tradu-

zidos, desconhecendo-se portanto o significado.

Áreas culturais indígenas

Certos trechos do território brasileiro abrigam populações indígenas cujo traço fundamental é a unidade da cultura resultante de um processo aculturativo intertribal ou de contacto interno, e extratribal ou externo, isto é, com as populações envolventes. O Brasil está dividido em onze grandes áreas, sendo algumas com subdivisões: a Norte-Amazônica, a Juruá-Paraná, a Guaporé, a Tapajós-Madeira, a Alto Xingú, a Tocantins-Xingu, a Pindaré-Gurupi, a Paraguri, a Parantia, Tietê-Uruguai e a Nordeste.

Tipo físico

De modo geral, nosso indígena, a de estatura mediana — os Xavantes são mais altos — bem proporcionado, do complexo roxista, imberbe, olhos oblíquos, nariz ligeiramente achatado, cabelos pretos, lisos, grossos e abundantes.

com folhetos sobre o Padre Cicero, trinta sobre Frei Danção: oito sobre a Obela de 1975.

A história do Brasil contada em versos, de 1930 até Carrastaz Mafici, é uma coleção de grande interesse, pois nos dá uma visão popular da nossa história.

Existem várias classificações eruditas da literatura dos folhetos: uma francesa, outra espanhola, além das dos autores brasileiros como Afrânio Suassuna, Olegário Lima ou André Diéguez Júnior.

Com um levantamento biográfico dos poetas populares, de Maranhão à Bahia, Liedo Maranhão pelo seu grande contacto com os poetas, verificou que também eles têm a sua classificação, o que será assunto de um trabalho seu e ser lançado proximamente pela editora Vozes.

Dois Prêmios

Dois Prêmios serão concedidos, este ano, a monografias sobre temas folclóricos: o "Prêmio Sívio Romero" e o "Prêmio Amadeu Amaral".

"Sívio Romero"

O Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Departamento de Assuntos Culturais do MEC, baixou o Regulamento para a concessão do Prêmio "Sívio Romero" deste ano.

As monografias podem versar sobre quaisquer temas do folclore brasileiro, as quais devem ser inéditas e originais. Devem vir datilografadas em folhas tipo ofício, a dois espaços, numa minúscula de 30 linhas, sob pseudônimo, com o título do trabalho. Em envelope fechado e sem identificação, a quem se identificar. Exigem-se três rúbricas e a presença de duas pessoas, a de um de júria da UFRJ, a rua do Catete, 44, 2.º andar, dirigidas à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. O prêmio é irrevogável. Serão concedidas ainda duas menções honrosas. O prazo para a entrega das certificações de menções honrosas será entregue a 21 de agosto, da comissão do Folclore, sendo a entrega a 21 de novembro da instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

"Prêmio Amadeu Amaral"

O Diretor-Executivo da CDB e o Secretário de Cultura, Sérgio A. Trepo, baixou o Regulamento para a concessão do Prêmio "Amadeu Amaral", destinado a membros e pesquisadores do povo nascimentos.

As monografias devem versar sobre o folclore brasileiro de Amadeu Amaral nos estudos de folclore no Brasil, de forma inédita e original, um levantamento bibliográfico e uma análise possível de fontes, incluindo trabalhos publicados em jornais e revistas, com um mínimo de 30 linhas, tipo ofício, datilografadas a dois espaços, sob pseudônimo, com identificação em envelope a parte, em três vias.

Os originais são prontos de entrega até 30 de outubro de 1976, com menção para o envio da documentação ao Departamento de Cultura, 21 de novembro, aniversário de nascimento de Amadeu Amaral.

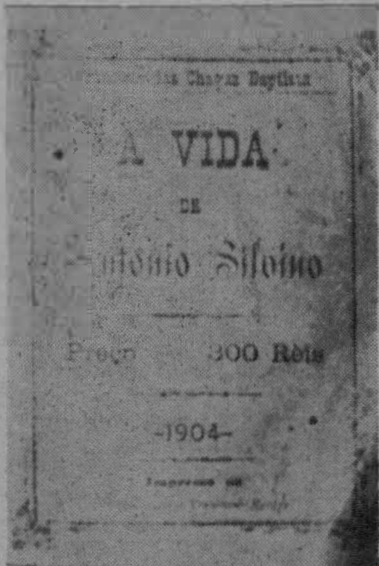
Literatura de Cordel

A expressão literatura de cordel é originária da Península Ibérica, Fregues de Cordel, mas, normalmente, designa o termo usado (o de Folhetos de Feira, declarados e conhecidos e conhecidos de folhetos, Liedo Maranhão).

Sua coleção remonta a 1904, com Leandro Gomes de Barros, primeiro poeta popular a circular nas feiras, autor de um folheto datado de 1911, sobre a chegada de Carlos Barreto a Recife.

Folhetos

Com um acervo de cerca de 3.000 folhetos, Liedo Maranhão oferece, por assunto, geralmente de grande relevância: Chegada de Bonfim à Lua (16 folhetos), O Brasil Campeão do Mundo (13);



Mestra representa Brasil em Simpósio grego



Única convidada brasileira no DUPLO SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA, realizado em abril, na Escola Livre de Filosofia PLETHON, em Magoula, (Espanha), na Grécia, a Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda levou consigo não somente sua experiência pessoal de pensadora mas, também, a sua voz autorizada de intérprete de toda uma orientação filosófica que ela vem imprimindo, desde alguns anos, ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, na qualidade de professora titular; maneira pela qual vem formando gerações inteiras dentro de uma diretriz aberta de pensar, ao mesmo tempo que lhes despertando o espírito para as questões fundamentais do Ser.

A professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, doutora em Filosofia pela Universidade de Paris, é autora de várias obras, como estas que se seguem: *Théorie de la Vérité* de Edouard Le Roy, Paris, Gabalda, 1957; *Vida Cristã*, Recife, Editora Flos Carmeli, 1957; *Pedagogia do Tempo e da História*, Recife, Imprensa Universitária, UFPE, 1965; *Educação no Brasil*, 2.ª edição, Recife, Editora Universitária UFPE, 1975; *Fé Hoje?* Recife, Mousinho Artfatos de Papel, Ltda, 1966; *Os Franciscanos e a Formação do Brasil*, 2.ª edição, Recife, Editora Universitária, 1976; *Diálogo e Meditação do Viajante*, Recife, Editora Universitária, 1975; e *O Ser da Matéria* (Estudo em Kant e Tomás de Aquino), Vol. IV da coleção *Filosofia e Metafísica* da mesma autora, Recife, Editora Universitária 1976.

CONDECORAÇÃO

Durante o Simpósio na Grécia a Professora Maria do Carmo Tavares de Miranda apresentou duas teses, conforme lhe fora solicitado de acordo com o Temário Geral do Simpósio, que foi dividido em duas partes: Uma de — Considerações Filosóficas Pessoais sobre a própria Obra, com Exposição Crítica sobre o próprio pensamento —, e outra — Reflexão sobre a Morte —.

Pela condecoração "Escola Plethon" recebida pela Professora, como pela distinção com que foi honrada quando da apresentação ao Exmo. Sr. Presidente da Democracia Helênica ficou claro o caráter de seriedade filosófica e mesmo originalidade do pensamento da professora. Já de retorno ao Recife e no exercício de suas atividades docentes e de pesquisa nesta Universidade acaba, a mesma, de receber a condecoração de que seu nome foi indicado para Membro da "Sociedade Helênica de Estudos Filosóficos", com sede em Atenas, e vem sendo comunicada de elevada repercussão que teve tanto pelos trabalhos apresentados quanto pela sua participação efetiva nos debates.

A "Escola Livre de Filosofia Plethon" tem seu nome do filósofo Georgios Gemistos Plethon, Mestre da tradição platônica que criou a Academia Platônica de Florença, e Escola de Filosofia em Mistras, cidade bizantina cujas ruínas são uma das maravilhas da Grécia.

A professora Maria do Carmo Tavares Miranda apresentou, dentro do tema geral — Considerações Filosóficas Pessoais sobre a própria Obra, com Exposição Crítica sobre o próprio Pensamento —, seu trabalho sob o título: "Em busca da Sabedoria" abordando entre outros itens a Impotência da Metafísica como cerne de sua obra, o sentido do filosofar, e o engajamento com a verdade.

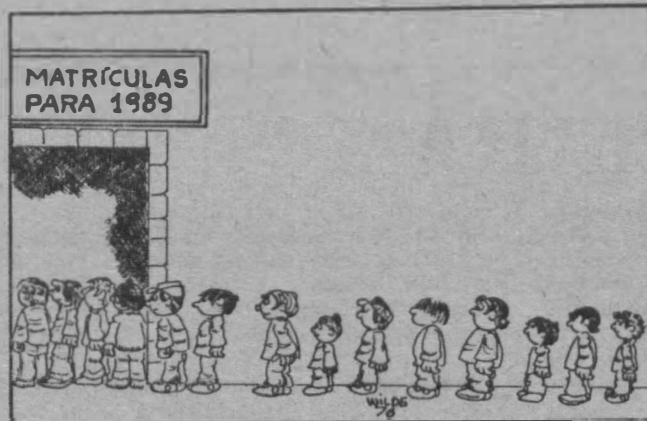
A outra exposição da professora, dentro do tema geral — Reflexão sobre a Morte —, versou sobre: "A Morte põe fim a tudo?", tendo entre outros pontos salientado a Experiência da Vida e da Morte, o sentido do tempo e do devir, as dimensões do existir humano, seu Ser, sua unidade e poder de compreensão.

A mesma professora foi também encarregada da presidência e direção das exposições e debates de uma das sessões realizadas à noite.

Participaram do Simpósio convidados especiais da Academia de Atenas e da Universidade de Atenas e outros Professores universitários da Inglaterra, França, Itália, Romênia, Bulgária, Índia, Estados Unidos, Suíça, Alemanha e México. O Simpósio foi patrocinado pela Federação Internacional das Faculdades de Filosofia e pela Escola Livre de Filosofia Plethon, contando com o apoio efetivo e presença do Presidente da Democracia Helênica e da Municipalidade de Esparta. Outras autoridades civis e religiosas também se fizeram presentes.

As línguas oficiais foram Grego, Francês, Inglês e Alemão.

Summerhill, um raio de luz nas trevas



"Os estudantes de Summerhill, cansados de ser tratados como um zoológico para os 100 visitantes semanais, elaboraram uma lei: não haverá mais visitas. E eu me sinto muito cansado e velho para dar entrevistas".

Há quatro anos, irritado com a torrente de pessoas interessadas em captar algo de exótico nos ensinamentos ministrados pela escola de Summerhill — aberta 54 anos atrás em Leiston, na Inglaterra —, Alexandre Sutherland Neill, seu fun-

"E nem poderia ser de outra maneira. Mudar significaria outra escola e, nesse caso, seria preferível fechá-la", disse Ena Neill, viúva do educador, ao jornalista brasileiro Jader de Oliveira, numa resposta fornecida por telefone — já que a proibição de entrevistas e fotografias dentro da escola ainda está em vigor. E conclui a viúva Neill: "Nossa escola é uma comunidade autogovernada; eu acredito nesse sistema e é preciso acreditar para aceitá-lo. Infelizmente, muitos o interpretam erradamente".

Com a morte de A. S. Neill, sua mulher passou a dirigir a escola. Ena não é, contudo, uma professora propriamente qualificada. Mas os anos de trabalho e experiência ao lado do marido, no decorrer dos quais tiveram de sobrepujar inúmeros obstáculos, capacitaram-na de forma indiscutível para o exercício de sua missão. Mesmo antes da morte de Neill, que muitos dos atuais alunos jamais chegaram a conhecer, ela já conduzia os destinos da escola.

Didática sem esfinge

Summerhill funciona em regime de internato e conta com apenas dez funcionários (quase todos professores). Trata-se de uma experiência didática absolutamente revolucionária — para muitos, destinada a marcar profundamente

a pedagogia do nosso tempo. Principalmente, ficou decidido que nenhuma disciplina seria imposta aos alunos. Como se não bastasse, os meninos e as meninas que frequentam a escola, dos 5 aos 17 anos, não têm obrigação de assistir às aulas. Obedecem tão somente às suas próprias determinações, fixadas semanalmente nas assembleias estudantis, efetuadas aos sábados. E as decisões tomadas nessas assembleias são cumpridas até nas mínimas coisas. Por exemplo: um professor não pode permitir que um visitante observe uma aula ou quem quer que seja tire fotografias, sem antes consultar a assembleia e esperar sua votação.

Com o tempo, porém, a escola de Summerhill apresentaria ainda outras surpresas. Uma delas está relacionada com o delicado terreno do sexo. Summerhill é uma das poucas escolas inglesas a não apresentar casos de gravidez, embora o falecido mestre jamais tivesse fornecido anticoncepcionais aos alunos adolescentes nem fizesse a apologia da castidade. É natural, portanto, que num país como a Inglaterra, onde ainda hoje a palmaria é manipulada pelos censores escolares, as idéias de Neill não tenham frutificado. Talvez por isso a escola de Summerhill seja mais conhecida fora do país.

Os livros mais importantes de Neill — "Liberdade sem Medo", "Liberdade sem

Excesso" e "Diário de um Mestre-Escola" — obtiveram grande repercussão em países como o Brasil, Estados Unidos, França, Israel, Japão. Assim, não é improvável que muitos pais ingleses com filhos em idade escolar saibam sequer o que é Summerhill. O que é uma pena, pois a escola muito significa em termos de revolução da metodologia do ensino neste século.

A espera de vagas

Com efeito, a maioria dos alunos, sobretudo nos últimos anos, vem de famílias ricas do estrangeiro, que pagam uma anuidade estipulada em cerca de 20 000 cruzeiros. E tudo indica que o preço não constitui nenhum obstáculo à notoriedade internacional da escola: Summerhill, que não aceita crianças com mais de 10 anos, tem todas as vagas tomadas até 1979. E uma enorme quantidade de famílias numa fila de espera. Por outro lado, quem procurar saber da atual conduta dos ex-alunos, não deixará de dar razão ao intrépido fundador da escola: segundo Ena, eles são altamente responsáveis, não criam problemas, são eficientes profissionais.

Neill em 10 lições

Eis alguns dos pensamentos de Alexander Sutherland Neill, cujos livros contêm essencialmente os princípios pelos quais orientou toda sua atividade pedagógica. Desde 1915, quando era mestre-escola na Escócia, Neill, pensava com entusiasmo na possibilidade de criar uma escola como a de Summerhill.

"Eu sustento que o auto-conhecimento deve vir antes de todas as coisas. Quando se despiu de todas as convenções, superstições e hipocrisias, a pessoa está educada".

"Um código é sempre uma tentação para uma pessoa sábia. Os códigos nunca tornam as pessoas morais; simplesmente as tornam hipócritas".

"A única coisa que pretendo é ensinar as crianças a viverem. Possivelmente, esta verdadeira religião; meu treinamento inicial impediu-me de livrar-me da idéia de

que a religião se destina a ensinar a morrer".

"É possível que eu seja um perigo para essas crianças? Não estarei talvez influenciando-as demais? Penso que não. Tudo quanto possa dizer será anulado em casa: infelizmente, minha palavra não tem tanto peso quanto a do pai".

"Uma senhora perguntou-me hoje se ensino boas maneiras às minhas crianças. Respondi que não, porque boas maneiras são impostura e meu dever é eliminar a impostura. Ela me perguntou, então, por que tiro o chapéu quando a cumprimento — e naturalmente eu me desmontei de súbito. É coisa difícil ser um teórico e, ao mesmo tempo, um homem honesto".

"Quando um homem escreve muito musical e florida, sempre desconfio de que tem escassez de idéias. Quem tem alguma coisa importante a dizer usa linguagem simples. O homem que escreve ao jornal queixando-se daqueles cidadãos itinerantes, chamados mascates do submundo, que tornam o dia hediondo com roufenhos clamorosos, é um pomposo idiota".

"Muitas noites sinto-me desanimado. Descubro que estou do lado das crianças. Sou contra lei e disciplina; sou inteiramente pela liberdade de ação".

"Gostaria que as pessoas perdessem o absurdo hábito de pensar que tudo quanto um menino faz é errado. Sustento que um menino está quase sempre certo".

"O Departamento de Educação da Escócia é infeliz por ser um departamento; um departamento não pode ter senso de humor. E o humor é o que torna um homem decente, bondoso e humano".

"Será possível que eu esteja exagerando o negócio da imaginação? Produziria eu homens e mulheres com mais imaginação do que intelecto? Não, não penso que haja perigo nisso. A nação sofre de falta de imaginação; poucos de nós somos capazes de imaginar um Estado ou sociedade melhor, uma vida mais plena".



Derrota custa cabelos da cabeça de torcedor

Aquele resultado de 1x0 do Sport Club do Recife frente ao Santa Cruz, na Ilha do Retiro, válido pelo turno inicial do Campeonato Estadual de Futebol, ainda continua na cabeça de muita gente. Pelo menos na de Agostinho Pereira da Cunha Filho, motorista da Universidade Federal de Pernambuco: ele anda por aí, de “cuca” raspada, levando gozações mil, principalmente quando topa um rubro-negro pela frente.

Não é que a goleada de 5x0, imposta pelo Santa Cruz ao Sport Club do Recife, subiu à cabeça do Pereira...! Como bom torcedor, fanático mesmo pelo tricolor pernambucano, não resistiu à tentação. No clássico seguinte, entre os dois clubes, o Pereira admitia tudo, menos uma derrota do seu time. E logo foi tomado pela idéla de confirmar sua extravagante confiança através de uma aposta. Ao seu lado, outro torcedor não menos fanático. Só que pelas cores rubro-negras. Oferta prá lá, oferta prá cá. Aposta fechada.

Isto, momento antes do início da peleja, naquela tarde encinzentada, fria até, do domingo, 17 de abril.

“Cumpade, se meu time perder pro teu, tu pode pelar a minha cabeça hoje mesmo. Vai ser aquele passelo, novamente. O Santa é o maior. Perder, ou mesmo empatar frente ao Sport, é piada... — dizia o Pereira ao seu colega rubro-negro, entre milhares de torcedores que superlotaram o Estádio da Ilha do Retiro. “Cumpade, tu tás brincando — retrucou o amigo do Pereira. Este insistiu: “Não tou brincando não.

Empurra de um lado, empurra de outro. A expectativa estampava-se na face de cada um. Times em campo, foguetório, bandeiras tremulando, charangas fazendo batucadas, a explosão das torcidas. Em meio a esse ambiente, os dois torcedores não afastaram a idéla. “Então, cumpade, aposta fechada”.

Dia seguinte, um tanto alquebrado pelos empurrões, os “apertos” inevitáveis dos estádios de futebol, chegava Pereira ao Departamento de Extensão Cultural, da Universidade

Federal de Pernambuco, onde exerce a sua profissão de motorista. Do primeiro colega que encontrou recebeu logo a pergunta: “Que foi isto, Pereira?” Foi uma aposta. Que aposta? Apostei no meu time. Qual é o seu time? Santa Cruz, é claro. Mas o Pereira, sabendo que enfrentaria perguntas semelhantes, de outros colegas, “bolou” logo uma evasiva, preparando o espírito para as costumeiras gozações. E saiu-se bem. Ao próximo curioso ante a sua careca disse: “Fiz o vestibular da derrota”.



Os passos de um professor nos estádios

Palavras Luso-Brasileiras no Futebol — é um dos seus livros. Ensina Literatura Portuguesa no Instituto de Letras e é coordenador do Programa Estudos de Problemas Brasileiros, na Universidade Federal de Pernambuco. Falamos do Professor Joel Pontes, que, apesar das suas atividades universitárias, inclusive literárias, é frequentador dos estádios de futebol — principalmente quando a contenda envolve o Sport Club do Recife, suas cores preferidas. Ele explica como um professor universitário pode ser ao mesmo tempo um desportista.

Sei que nosso meio intelectual ainda não aceita sem reparos a afeição de um professor de letras pelo futebol. Admite-a por parte de especialistas em educação física, traumatologia e em algum outro ramo do conhecimento direfamente ligado a esse desporto, como compulsão profissional ditada pela proximidade com os atletas durante jogos e treinos. A obrigação de estar presente ocasionaria uma tolerável afeição.

O caso de um professor de letras que não dá bola para conceitos aristocratizantes do que seja um literato é mais puro, se você me permite a imodéstia. Resistimos ao preconceito, não somos obrigados pela profissão a frequentar os estádios nem ganharmos salário para isto. Vamos como qualquer homem do povo, por gostar. Participamos e até engajamo-nos como torcedores, a discutir, xingar. Tornamo-nos entendidos de técnica, de regras, conhecedores de campeonatos estrangeiros e tal. Com tudo isto, entamos sendo fiéis ao nosso passado, pois qual o brasileiro de hoje que não jogou no colégio, não curtiu pelada na infância?



E note mais uma coisa: somos um povo destacado entre os outros por café, carnaval e futebol, sendo que as festas (porque futebol é festa popular) são excelências mais indiscutíveis do que o produto agrícola e, entre elas, o carnaval inexistente na maioria das cidades brasileiras, pelo menos como espetáculo de massa. No fim e ao cabo, somos inegavelmente grandes é no futebol, por havermos conquistado o título singular de tricampeões do mundo em disputas honestas e em território estrangeiro. A isto, e ao fato de o nosso povo jogar bola em todo o país, um professor de literatura não pode ficar insensível. Vou além e advogo a afeição; até mais, o entusiasmo. Daí ter reclamado em livro não estar este aspecto da vida brasileira presente na ficção e na poesia a ponto de documentar sua importância social. Importância que vem aumentando significativamente na linguagem sem que apareçam obras literárias à altura das que temos sobre o cangaço, o fanatismo, a vida burguesa, os negros, a decadência dos engenhos etc.

Joel Pontes

O dia em que os jornais e os rádios não falaram de futebol

O silêncio estremeceu os torcedores. Ávidos de notícias esportivas, embora o domingo tenha sido magro e cinzento, debruçaram-se na segunda-feira sobre os jornais e, surpresos, folheavam atônitos as suas páginas. Correram para os rádios: escutaram apenas músicas. Era como se, de repente, os clubes tivessem fechado as suas portas e os jogadores, sem nenhum anúncio oficial mudassem de profissão. A cidade estava dominada por um incrível e doloroso silêncio. Na segunda-feira, 28 de abril, nenhum veículo de comunicação — com exceção para o Diário da Manhã, com sua minguada edição de 1.000 exemplares — cantavam os feitos dos heróis dos estádios. Nenhuma linha sequer sobre o futebol profissional de Pernambuco.

A causa do silêncio, porém, não era surpresa. Os cronistas esportivos de Pernambuco, sem cabines para trabalhar no Estádio da Ilha do Retiro, de propriedade do

Sport Club do Recife, decidiram fazer um “dia de silêncio” para protestar contra o que consideravam “uma falta de respeito à profissão”. Durante a semana anterior reuniram-se em assembléia e exigiram uma definição do Sport. O presidente rubro-negro, arquiteto Jarbas Guimarães, vendeu as cabines do estádio, antes reservadas à imprensa, e não deu mais satisfação. Iniciava uma guerra. Guerra aberta.

Para solucionar o impasse, já que o Sport permanecia irredutível, o presidente da Federação Pernambucana de Futebol, sr. Rubem Moreira, decidiu entrar em contato com a direção do clube, e após várias conversações, ficou decidido que a agremiação rubro-negra construiria novas cabines, sob o auspício da FPF. E na quarta-feira, dia 28, o “Jornal do Brasil”, do Rio de Janeiro, publicava nota oficial da Federação, anunciando “o desfecho feliz”.

Amadorismo continua por conta do amor à prática de desportos

O futebol brasileiro já foi, durante anos e anos, o maior do mundo. Conquistou três campeonatos mundiais — façanha ainda não igualada. Exportou jogadores para vários países ocidentais, além de ter produzido o mais perfeito futebolista de todos os tempos: Edson Arantes do Nascimento, o célebre “Pelé”. Mas em outras modalidades, como basquete, vólibol, natação, salto tríplice, as coisas nem sempre andaram tão bem.

Com efeito, em algumas ocasiões deixamos de ganhar competições mais ou menos fáceis. Em outras, fizemos um papel comprometedor. Por que? É a pergunta feita por milhões de brasileiros.

Enfim, não apenas o futebol interessa aos desportistas de um país. Por que, então, as outras modalidades de desportos não alcançam a mesma estatura do futebol?

As respostas são várias. Uma delas, talvez a mais razoável, consiste no seguinte: não há, a rigor, uma política de estímulo aos desportistas amadores. E todos sabem que, em centros onde a prática esportiva é considerada de primordial importância para a edificação física e até moral de um povo, o cuidado com a preparação de atletas tem contribuído, decisivamente, para a obtenção de saldos altamente positivos.

Se, em cada Estado da Federação, as autoridades proporcionassem os meios indispensáveis para a criação de agremiações amadoras, com campos, quadras, pistas, etc., certamente que as coisas seriam bem diferentes. Recentemente, um brasileiro, João da Silva, bateu o recorde mundial em salto tríplice. Até aí, nada demais — apesar de a marca conquistada significar muito para o amadorismo brasileiro. Contudo, “João do Pulo”, como ficou sendo conhecido o jovem paulista, não teria cumprido tão brilhante performance caso tivesse deixado de receber integral apoio dos seus oficiais superiores — pois é, cabo do Exército.

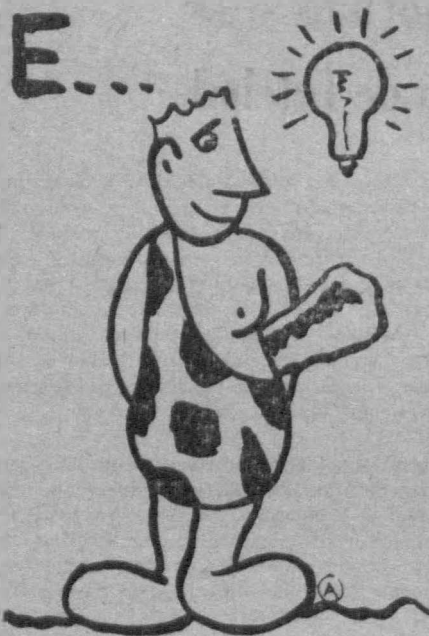
PRI-PRI E A RODA

POR APRIGIO

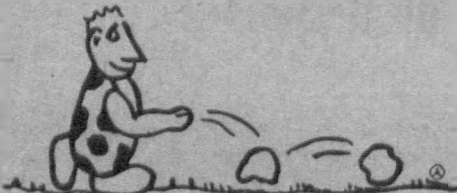
NA PRÉ-HISTORIA



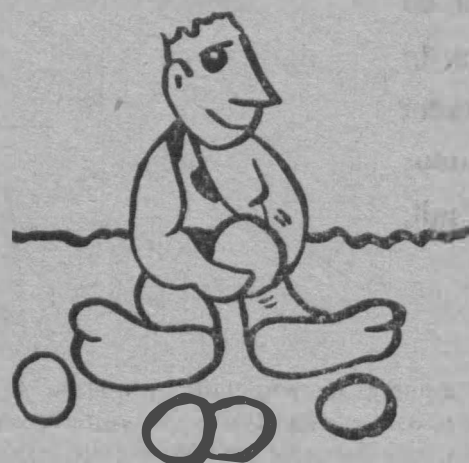
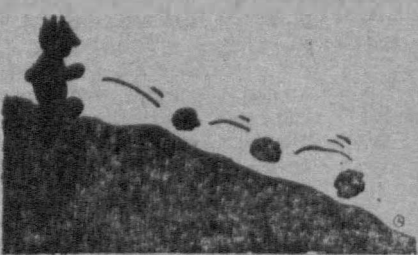
PRI-PRI LEVOU UMA TOPADA



PRI-PRI DESCOBRIU QUE A PEDRA ROLAVA



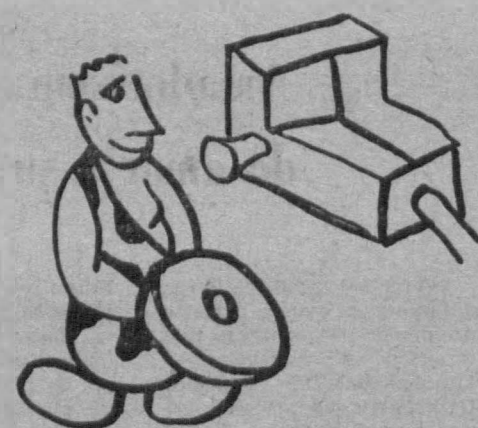
ROLAVA MESMO



PRI-PRI RESOLVEU ARREDONDAR AS PEDRAS...

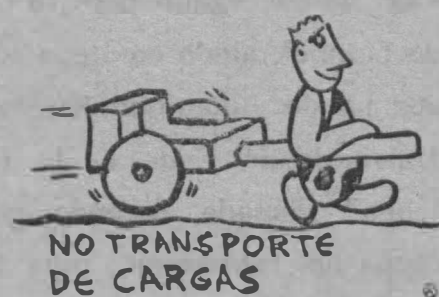


...PARA FACILITAR O MOVIMENTO



E TENTOU EXPLORAR O INVENTO...

Ricardo Aprígio
(aluno de Comunicação Visual da UFPE)



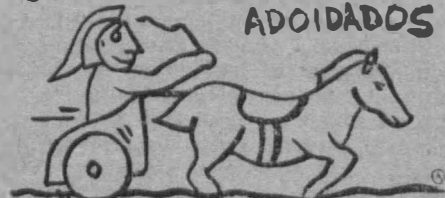
NO TRANSPORTE DE CARGAS



OS ASTECAS NÃO A CONHECERAM



JÁ OS ROMANOS CORRÍAM POR AI' ADOIDADOS



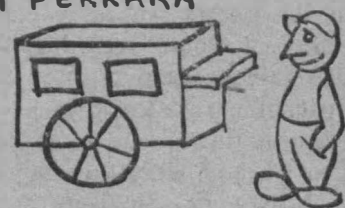
NA BAIXA IDADE MÉDIA APARECEU O CARRINHO DE MÃO



OS INDIOS AMERICANOS NÃO A CONHECIAM



EM 1534 ABRE-SE A 1ª FABRICA DE CARRUAGEM EM FERRARA



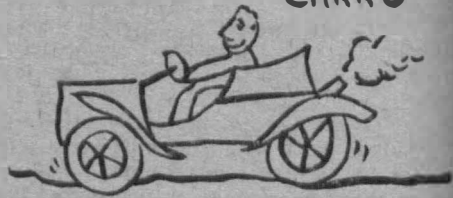
EM 1825 A LOCOMOTIVA A VAPOR JÁ EXISTIA



NO SÉCULO 19 SURTIU ESTA BICICLETA



EM 1901 PRI-PRI E SEU CARRO



E AGORA O PRI-PRI CURTINDO A LVA DE PERTO

